

REVISTA **LINGUA** APRESENTA

...RANI GERTRIDI GO
...VLI CONTRA EC
...TES BEATVM MA
...QVINOVA GI

LATIM

A história de um clássico

FIDEI TRVCI DA
...NORICO RVN
...IN CIAM FER

Revista

EDUCAÇÃO

apresenta

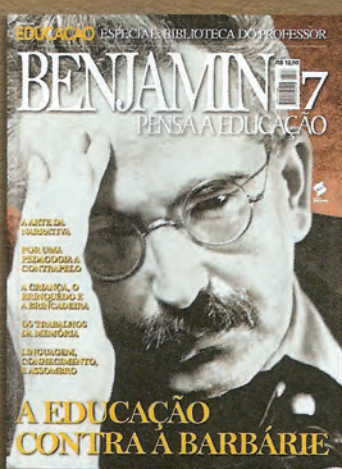
BIBLIOTECA

Série inédita em que os maiores especialistas da área discutem



DO PROFESSOR

o legado dos grandes pensadores ao universo pedagógico. *Colecione!*



www.revistaeducacao.com.br
Tel: (11) 3039- 5666

Ad introitum

A edição da revista Língua Portuguesa *Especial Latim* é a concretização de meu projeto de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para dar forma a estas 68 páginas, foram necessários dez meses de pesquisa, período que abrange desde o pré-projeto e o meu ingresso na disciplina optativa de Latim, até o fechamento do produto.

Durante este tempo de estudo – pequeno, se considerada a complexidade do tema –, aprendi a perceber o latim. E essa percepção me ajudou a compreender um pouco mais os segredos da nossa própria língua e, consequentemente, a justificar, com mais clareza, o porquê de minha escolha.

Uma das primeiras entrevistas que fiz, ainda durante a apuração, foi com a professora de Latim da Universidade de São Paulo (USP), Zélia de Almeida Cardoso. Ao fim de nossa conversa, que gerou mais de duas horas de gravação e muitas páginas de texto, ela me confidenciou que achava curioso como uma pessoa tão jovem estava interessada em algo tão velho. “Tão velho”, respondi, “mas tão presente”. Ela concordou com a justificativa, que me acompanhou durante todo o processo, servindo de resposta a muitas das perguntas que me fizeram.

Perceber o latim também me permitiu reconhecer que a antiga língua dos romanos não deve ser o foco de apenas um grupo restrito de estudiosos. Se o latim – ou sua origem – é encontrado em palavras populares, como apresentado na matéria *Onde está o latim?*, por que não torná-lo, então, mais palpável? Possibilitar a difusão de um conhecimento tão específico, erroneamente posto sobre um altar elitizante, pode favorecer a educação e, por consequência, a justiça.

Naturalmente que, dentro de uma sociedade envolta por problemas cujas raízes já saíram do âmbito educacional, tomando dimensões maiores e menos controláveis, o latim jamais será visto como prioridade. E, acredito, nem deve sê-lo. Mas, ao mesmo tempo, não pode ser tido como uma disciplina supérflua, já que trata, justamente, do nosso maior patrimônio em comum: a língua portuguesa. E enquanto ela e todas as outras línguas românicas forem preservadas, o latim continuará sendo antigo, continuará sendo complicado, mas, sobretudo, continuará presente.

MARIANA CRISTINE HILGERT
marianahilgert@gmail.com



Esta revista foi elaborada pela acadêmica Mariana Cristine Hilgert, como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Prof. Dra. Tattiana Teixeira. Todo o conteúdo foi produzido exclusivamente para o projeto, com exceção da publicidade, colocada com o intuito de provocar um efeito de realidade. Todo o projeto gráfico foi feito conforme o padrão da revista Língua Portuguesa (Editora Segmento), tentando seguir, ao máximo, os estilos de fontes, cores e esquema de diagramação. As propagandas foram escaneadas de edições diversas da revista. Por ser um projeto de conclusão, este trabalho não possui fins comerciais ou lucrativos.

**Edição, reportagem,
fotografia e diagramação:**
Mariana Cristine Hilgert

Orientação:
Tattiana Teixeira

Articlistas:
Charlene Mioti, José Ernesto de Vargas,
José Luiz Fiorin, Maria Helena de Moura Neves,
Mauri Furlan.

Infografia e ilustração:
Ítalo de Oliveira Mendonça
e Edison Patto

Crédito da foto da capa:
Mariana Hilgert (inscrição localizada em cata-
cumba, na cidade de Salzburg, Áustria)

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo**

Florianópolis, junho de 2009

Sumário

6 Frases

8 Entrevista

NASCIMENTO

12 O Império do Latim

16 Um idioma transformado

José Ernesto de Vargas

BATISMO

18 Sob a guarda do Vaticano

20 O tradutor do papa

21 Na língua dos anjos

VIDA ESCOLAR

26 Passado do presente

30 Uma língua adotada

32 Diploma para os clássicos

36 Os porquês do latim

Charlene Miotti

37 *In dubio pro reo*

39 Assassinato linguístico

Maria Helena de Moura Neves

ET CETERA

40 Mutações da língua

42 Onde está o latim?

44 Noções básicas da gramática

latina para iniciantes

51 O latim e suas filhas

José Luiz Fiorin

52 Presente de gregos

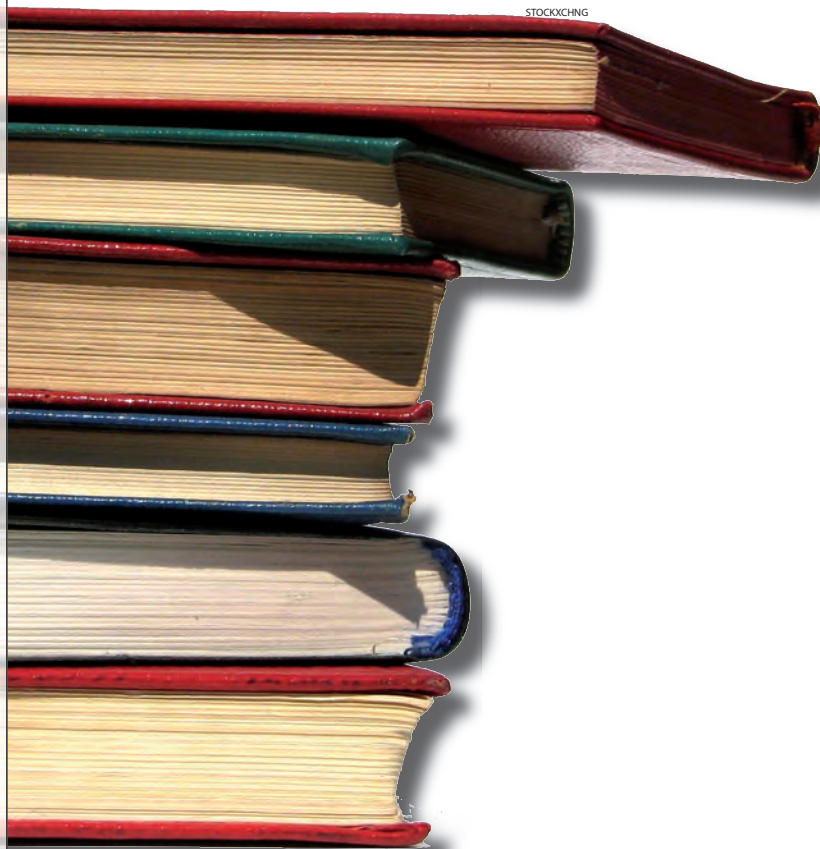
56 Um latim conectado

58 Problemas de tradução

Mauri Furlan

60 Latinidades

66 O português é uma figura



“

Alea jacta est.

A sorte está lançada

Veni, vidi, vici.

Vim, vi, venci

Julio Cesar

(100-44 a.C.), imperador romano

DIVULGAÇÃO



*Nihil est ab omni parte
beatum.*

Nada é feliz sob todos os aspectos

Horácio

(65-8 a.C.), filósofo e poeta romano

*Donec eris felix, multos nume-
rabis amicos: Tempora si fuerint
nubila, solus eris.*

*Enquanto fores feliz, terás muitos amigos:
se os tempos forem sombrios, ficarás só.*

Ovídio

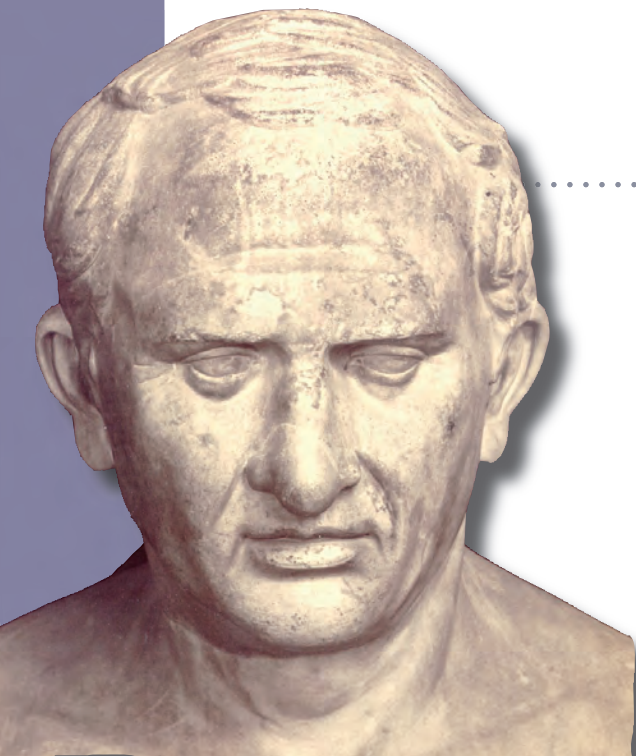
(43 a.C.-17.), poeta romano

*Amicus certus in re
incerta cernitur.*

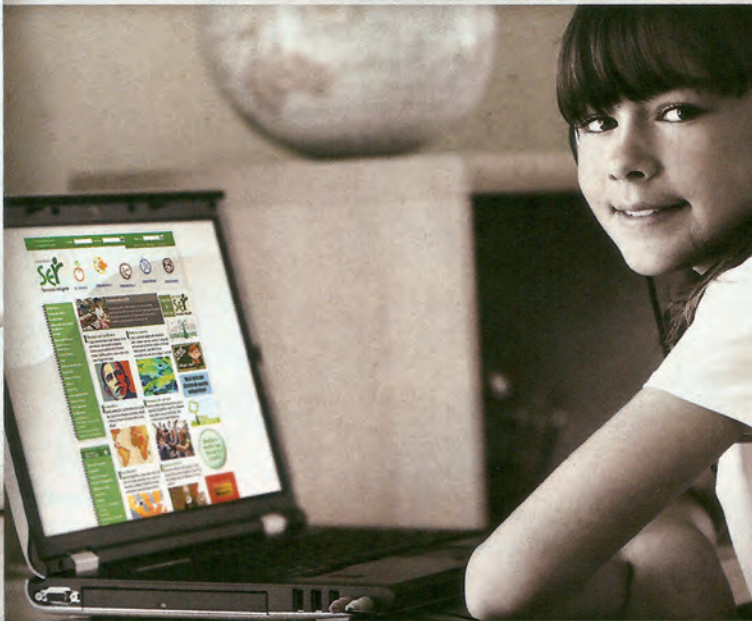
*O verdadeiro amigo se conhece
na ocasião incerta*

Cícero

(106-43 a.C.), orador romano



DIVULGAÇÃO



O Sistema de Ensino SER é o único que faz a diferença na sua escola.

Desenvolvido por **autores renomados** das editoras Ática e Scipione.

Formação continuada para professores com autores do SER.

Portal SER com conteúdo multimídia para enriquecer a sala de aula.

Sala e Campanha de Matrícula personalizada.

Da Educação Infantil ao Pré-vestibular

- Maior banco de questões do Brasil
- Almanaque Abril
- Web aula

A **Abril Educação** criou o **Sistema de Ensino SER** para oferecer uma formação completa que vai muito além da sala de aula.

Conheça uma educação que faz a diferença para o crescimento da sua escola.

0800 7720028 www.ser.com.br

sistema de ensino

SER

Formação Inteligente

 **Abril EDUCAÇÃO**



POR MARIANA HILGERT

ARQUIVO PESSOAL

Por trás das línguas

Antes de se tornar professor de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP), Mário Eduardo Viaro já se considerava um curioso do idioma. Mais do que saber falar, ele queria compreendê-lo – e é isso que faz em *Por trás das palavras – Manual de etimologia do português* (Ed. Globo, 2004). No livro, o pesquisador explica como se formaram os vocábulos portugueses de origem latina e não-latina, exercendo na prática a ciência que trata da história das palavras: a etimologia. Cinco anos antes do lançamento da obra, Viaro explorou a mesma temática no artigo *A importância do latim na atualidade*, publicado em 1999, na Revista de Ciências Sociais e Humanas. Parte do material que pesquisou durante esse período virou atração no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e fez de Viaro um nome recorrente quando o assunto é o latim e sua relação com o nosso idioma. É sobre a importância do estudo e conhecimento desse idioma dentro e fora da etimologia que o pesquisador falou, por e-mail, para a edição especial de *Língua*.

Como foi o seu primeiro contato com o latim?

Eu sou de família pobre e comecei a estudar latim muito jovem, como autodidata, com uns 12 anos, na minha cidade natal, Botucatu, no interior de São Paulo. Eu queria ser entomólogo e adorava os artigos de um casal de professores, o prof. Benedito A. M. Soares e da profa. Hélia E. M. Soares sobre uns aracnídeos, chamados opilões, escritos em latim. Entrei em contato com um primo de minha mãe, que era ex-seminarista e consegui vários métodos de latim e grego. A profa. de Ciências Yara Ceribelli Maddi conseguiu um estágio informal para mim, na Unesp, e depois de um ano, entrei pela porta contrária ao corredor que costumava sempre entrar e descobri com o maior espanto da minha vida, que os professores estavam vivos e lecio-

navam em Botucatu. Fui pedir um autógrafo e fiquei muito amigo deles. O professor Benedito praticamente me adotou como filho e me incentivou a ter aulas particulares de alemão também. Aí a paixão pelas línguas aumentou e aos 17 anos resolvi prestar Letras (Linguística/Português), pela USP. Fiquei preocupado em comunicar ao dr. Benedito a minha mudança de interesses, mas no mesmo ano ele faleceu.

Em que momento você decidiu usar seus conhecimentos do idioma para dar início aos estudos de etimologia?

Eu fazia mestrado em Filologia Românica e sempre gostei de história antiga e dos estudos sobre indo-europeu. Mas o que me ajudou mesmo para aguçar meu conhecimento etimológico foi ter trabalhado na equipe de etimologia do dicionário Michaelis. Eu era revisor na editora Melhoramentos, mas tão logo eu fiz algumas correções num dicionário alemão, o editor Walter Weiszflog, que as achou muito pertinentes, apostou em mim, convidando-me a integrar a equipe. Ter contato com todas as palavras do português me deu uma visão geral do que é de fato etimologia. Tudo isso foi antes de eu entrar para a USP e hoje eu oriento estudos científicos sobre Morfologia Histórica.

Como funciona o estudo do processo de formação de vocábulos quando não há registros escritos das formas primitivas?

Cada caso é um caso. Há casos em que a falta de documentos pode ser sanada por métodos de reconstrução e outros casos em que é preciso determinar um limite temporal para etimologia. Resumindo, nem sempre se deve confiar na intuição. Toda afirmação etimológica deve ser pautada em dados e quanto mais recuados no tempo, melhor. Por isso, recursos como o Google Books são verdadeiras maravilhas, pois nos oferecem um *corpus* imenso de palavras em livros

“Nem sempre se deve confiar na intuição. Toda afirmação etimológica deve ser pautada em dados e quanto mais recuados no tempo, melhor”



de bibliotecas internacionais, como a de Washington. Uma boa etimologia, porém, não deve só localizar a primeira ocorrência escrita do vocábulo, mas todo o sistema linguístico usado na época. Deve observar correlações com línguas aparentadas (espanhol, francês e, às vezes, o inglês). Deve verificar se algumas regras específicas de alteração de forma e conteúdo foram respeitadas. Tudo isso faz uma etimologia ficar mais convincente do que outra. O que mais existe no mercado, porém, é achismo, e isso faz com que muitos pensem que a etimologia não tem método ou que é uma espécie de diversão. Às vezes ainda sou alvo desse preconceito. Mas eu levo muito a sério o método etimológico e o defendo.

Em países como Alemanha, há um estudo desenvolvido do latim. Como fazer para incentivá-lo no Brasil, onde a língua é de origem latina?

Não só é um país de língua neolatina, mas é o maior país de língua neolatina do mundo. Morei na Alemanha e até agora, de fato, a diferença é gritante. Não só no latim, mas no ensino de línguas em geral. Já vi africanos falando oito línguas aprendidas de ouvido (não só as nativas, mas alemão e russo) e crianças búlgaras falando francês perfeito, aprendido na escola pública. Com relação ao latim, especificamente, o mais chocante é o caso da Finlândia, onde falam uma língua que não tem nenhuma relação com o latim e eles têm gibis em latim, emisoras de rádio em latim e formam os maiores linguistas especialistas em latim. Não sei explicar. Acho que a eficiência do aprendizado formal advém de algum discurso no ar. Além disso, nosso país é ideologicamente monolíngue, portanto, nosso contato com outras línguas é menor, temos receio de sons estranhos e sentimos mais dificuldades nas línguas do que elas realmente oferecem. Só um sentimento de prazer pelo desafio supera isso de forma milagrosa. O fator facilitador e a ideologia vigente da

educação parecem contribuir paradoxalmente para o *status quo*, em vez de alavancar as mudanças sociais rápidas com que sonhamos. Como indivíduos, temos mais vontade do que ação; como cidadãos, estamos desamparados de políticas realmente transformadoras.

O que significaria dizer que temos este receio, se os falantes de português no Brasil acolhem estrangeirismos sem muita reação contrária?

Há uma visão apocalíptica sobre o estrangeirismo. Em algumas regiões do mundo, de fato, o inglês põe em risco a existência de línguas, mas os falantes são bilíngues. Não é o caso do Brasil. O que há é modismo, como havia com o francês até início do século XX. Há países como a Letônia, a Islândia e, em menor medida, a França, que fazem campanhas contra o inglês e se apressam para encontrar substitutos. Mas tudo isso é muito supérfluo e meio bobo. As línguas nunca foram puras e recebermos meia-dúzia de palavras inglesas não vai colocar nossa língua em risco. As palavras que o português divulgou ao mundo são nomes de plantas (jacarandá, piranha) e animais da América, África e Índia, no período das Grandes Navegações ou então conceitos como auto-da-fé, no período da Inquisição ou bossa nova mais recentemente. Procure esses termos em dicionários de inglês, francês, italiano e você os verá lá. Se nós eliminássemos todos os estrangeirismos do português, acho que 80% das palavras do português desapareceriam. A grande maioria das palavras cultas é adaptação do francês, sobretudo no século XIX. Palavras banalíssimas como população vêm do francês e não diretamente do latim. Tupi e línguas africanas seriam línguas estrangeiras? Há muita arbitrariedade na resposta. Por isso acho que toda a discussão sobre estrangeirismos é bobagem e resquício dos fascismos. Que os estrangeirismos sejam bem-vindos.

O que pode acarretar, aos alunos, a exclusão do Latim nos cursos de Letras?

Bom, isso só nos torna mais ignorantes do que já somos. Privar um aluno de humanas de um conhecimento, com o discurso de que é inútil é absurdo. Para que serve a literatura? Para que serve a linguística? Para que serve a gramática? Se damos uma conotação pragmática para tudo, as humanidades não fazem sentido algum. Não gosto de argumentos veiculados pela mídia, como “sabendo português culto, você vai ter mais chances num concurso”. Isso é reduzir o conhecimento a um modelo behaviorista. Para que serve entender especificamente a quinta declinação latina? Eu digo: para nada. Deveria servir para algo? Ou melhor: para nos tornarmos menos ignorantes. Para sabermos que há outros pensamentos e outras expressões diferentes da nossa. Para sabermos que há os mesmos pensamentos em épocas tão distantes. Para nos aproximarmos do universal humano. Para respeitarmos a diversidade humana. Isso não me parece pouco. Cortes de disciplinas aparentemente inúteis como o latim para mim são perdas irreparáveis na consciência de nossa humanidade.

O estudo do latim pode ser considerado elitizado?

Não é elitizado, porque nossa elite é tão ignorante quanto as outras classes. O que há é uma elite formada em bons colégios, mas eu me revoltó com isso. Toda minha formação escolar foi péssima, mesmo assim passei na Universidade de São Paulo, onde o ensino está entre os melhores do Brasil. Na época morei em Moradia Estudantil e tinha de trabalhar ao mesmo tempo que fazia a graduação e a pós-graduação. Estou longe de ser uma exceção. Se após todo esse sofrimento, posso ser considerado como pertencente a uma elite intelectual, como querem entender alguns formadores de opinião, penso que a questão está deslocada: não é preciso reduzir a elite, mas aumentá-la, mas para isso, é preciso também vontade.

O advento da internet pareceu-me uma solução incrível, mas, se nada mudar, até mesmo isso são facilitadores para a manutenção do *status quo* em vez de motivadores e desafiadores que geram realmente algum progresso.

Como justificar a importância de se conhecer a civilização romana nos dias de hoje?

Eu sou linguista e apaixonado por muitos outros assuntos (cognição, história, biologia, filosofia), mas paradoxalmente não vejo relação direta entre o latim e a civilização romana. Aliás, penso que foi essa associação que desmotivou o estudo da língua, pois se trata de algo muito distante. Os valores romanos são fascinantes sim, mas não mais do que dos gregos, persas e outros povos da época. Obviamente para entender textos escritos em latim, é preciso conhecer minimamente o contexto da época, mas isso é necessário em qualquer texto. Desmitificar é muito importante, a meu ver. Em matéria de conhecimento, os entusiastas colaboram muito, mas também atrasam muito, pois criam mitos. Acho que a chave para tudo é a humildade. Sem ela, nenhum empreendimento vale a pena.

É possível ensinar o latim como mais uma língua estrangeira?

No caso do latim, não faz sentido aprender a falar. Há várias pronúncias: a regional, a do Vaticano, a científica. Qual usar? É uma língua viva apenas em questões neológicas. Mas ela própria não gera mais palavras, pois não possui falantes modernos (até onde sei) cuja língua materna é o latim. O seu ensino [do latim] é especial. Sua função parece ver de onde provém nossa língua, sua estrutura, seu vocabulário, seu modo de pensar, ao mesmo tempo que nos abre janela para outras possibilidades de estruturas e vocabulários. O latim não foi feito para o português, mas pode ajudar a entendê-lo um pouco mais.

“Para que serve entender especificamente a quinta declinação latina? Eu digo: para nada. Deveria servir para algo? Para nos tornarmos menos ignorantes. Para sabermos que há outros pensamentos e outras expressões diferentes da nossa”

O Império do Latim

Os romanos, através de investidas territoriais, transformaram o idioma num símbolo de poder e, com ele, conquistaram o mundo

POR MARIANA HILGERT

Antes de se consagrar como língua erudita e compreendida por poucos, o latim era um idioma simples, falado por camponeses e trabalhadores rurais – origens que ficaram marcadas em muitas palavras do nosso vocabulário. O verbo ler, por exemplo, já era usado pelos latinos antes mesmo de terem surgido os primeiros documentos escritos. A diferença é que seu ancestral, *legere*, queria dizer colher. A relação entre os dois parece inexistir, até o momento em que se percebe que ler nada mais é do que *legere oculis* – ou, simplesmente, colher com os olhos.

A história do latim se mistura à de outros idiomas, como o umbro e o osco, falados por povos vizinhos à região do Lácio, onde nasceu Roma.

As similaridades entre os três fizeram supor a existência de uma língua primitiva, o itálico, que, junto do grego antigo, do eslavo e outras, constitui a família linguística indo-europeia. O latim também sofreu influência dos etruscos e gregos, que dominavam a Península Itálica, respectivamente, ao norte e ao sul. Para sobreviver em meio aos conflitos dos dois povos, Roma, que, nos seus primórdios, nada mais era do que uma aldeia, precisou se fortalecer. A partir do século V a.C., ela deu início a uma marcha expansionista que perduraria até o século II da nossa era.

Primeiramente, sucumbiu às invasões do Lácio, a região da Itália Peninsular. Logo em seguida, os romanos investiram na tentativa de conquistar a Europa Mediterrânea. Para isso, eles precisariam derrubar Cartago, uma colô-

nia fenícia, que já tinha grande controle sobre o comércio marítimo da região. Foi nessa investida que ocorreram as chamadas Guerras Púnicas.

Após três grandes e sangrentas disputas, os romanos tomaram a Sicília, a Sardenha e a Córsega, territórios que, antes, pertenciam aos cartagineses.

A Itália do Norte também foi conquistada, bem como as primeiras regiões fora da Itália, centradas no que hoje são Andaluzia e as províncias de Castela, Múrcia e Valência, todas situadas na Espanha. Mais tarde, os romanos conquistaram regiões da Grécia e da Macedônia.

Depois de trinta anos, Cartago já não tinha mais forças para lutar contra os romanos, que continuavam a investir na expansão. Passaram pela África, foram para a atual França e Portugal e conquistaram até pequenas localidades na Ásia. Mais tarde, o exército romano chegou ao que, atualmente, é a Romênia.

Com tantos povos sendo regidos pela mesma lei, era praticamente impossível que a mistura dos falares e culturas não ocorresse. Os próprios romanos se mostravam abertos a essa mescla, permitindo que cada grupo mantivesse seu idioma, o que favoreceu o bilinguismo. Mas, com o tempo, o latim começou a se impor como idioma mais complexo – e o único –, facilitando a comunicação e, consequentemente, as negociações entre os povos.

Latim e latim

Quando da formação do Império Romano, no primeiro ano do calendário cristão, o latim não era apenas mais uma língua da Península Itálica. Ele era, naquele momento, o idioma oficial de um imenso território, povoado por soldados, comerciantes, escravos, funcionários e eruditos. Cada um desses grupos pertencia a uma classe específica, o que acabou acarretando variações da língua. Duas são as distinções mais comumente reconhecidas: o latim vulgar e o latim clássico.

É do primeiro que se originaram as atuais línguas neolatinas. A palavra *vulgar* pode ter diferentes sentidos, remetendo a algo corriqueiro ou sugerindo, até, algo de baixo nível. Mas seu verdadeiro significado remonta à sua origem: vulgar vem de *vulgus*, que, em latim, quer dizer povo. “Ele é falado pela plebe, informal, pertencendo à sociedade que não tinha acesso a um latim mais erudito, mais elitizado. É um latim de bermuda e chinelo”, explica José Ernesto de Vargas, professor de Latim da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Mas, apesar dessa informalidade marcante do latim vulgar, Vargas faz uma ressalva: “Os senadores, talvez, falassem [o latim vulgar] em casa. Não consigo acreditar que as pessoas

falem polidamente a vida inteira”.

O idioma da elite, dos senadores e escritores, em contraposição ao do *vulgus*, é o chamado latim clássico. Por ser mais erudito, Vargas observa que esse latim “é abastecido pela literatura e pela linguagem da elite. Então, quando havia reunião e momentos que a situação era formal, o clássico estaria em evidência”.

As preocupações de quem trabalhava com essa forma do idioma, muito influenciada pela cultura grega, ficavam mais restritas ao campo da escrita e da parte estética da língua. Suas variações não eram as mesmas daquele latim falado pelo povo. Com as disputas territoriais, o latim vulgar – que era, também, dos soldados –, foi absorvendo elementos linguísticos e culturais de muitas populações conquistadas.

O latim vulgar não surgiu do clássico, e o contrário também não aconteceu. Cada um se estruturou em épocas diferentes: foi só quando o primeiro já estava bem enraizado, que o outro passou a ser reverenciado. As obras literárias de autores como Plauto, além de outros registros escritos, apresentam marcas do latim vulgar e estão entre as provas. Os dois coexistiram, demarcando – mais do que períodos temporais ou formas de expressão – a sociedade segmentada da época.

Os Românicos

O Império Romano começou a perder o poderio centralizado quando foi dividido em dois: o Império Romano do Ocidente, tendo Constantinopla como capital, e o do Oriente, com a capital em Roma. A fraqueza do controle foi sentida a partir das chamadas invasões bárbaras*, especialmente nos séculos IV e V.

Mesmo com a queda física do império, sobreviveu, no período que diz respeito à Idade Média, uma unidade linguística, política e cultural dos povos que viveram sob o poder de Roma. Na tentativa de diferenciar-se dos bárbaros – ou seja, todos aqueles que não eram romanos –, surgiu a palavra *Romania*, derivada de *romanus*, que faz referência a todas as regiões com idiomas originários do latim.

A partir daí, houve uma série de derivações: primeiramente, surgiu *romanice*, advérbio que serve para designar algo “à maneira romana”. Depois, *romanice loqui*, indicando os idiomas vulgares, com origem no latim. De *romanice*, aparece o substantivo *romance*, que, antigamente, se referia às obras escritas em algum dos idiomas vulgares da época.

*Do grego *bárbaroi*, estrangeiros, aqueles que não são romanos.

STOCKXCHNG

Silhueta de Roma, mais de 2 séculos depois de sua fundação. No horizonte, a cúpula da Basílica de São Pedro

Flores do Lácio

POR MARIANA HILGERT
 INFOGRAFISTA: ÍTALO MENDONÇA
 ILUSTRADOR: EDISON PATTO

Quando Olavo Bilac escreveu que a Língua Portuguesa era “a última flor do Lácio, inculca e bela”, fez uma referência ao idioma como último filho do latim – embora não o único. A propagação dos idiomas românicos se deve ao latim, língua oficial do Império Romano e um dos principais legados que os antigos soldados deixaram nas regiões conquistadas. Cada uma delas, com o tempo, deu nova forma ao idioma, que se transformou. Através das conquistas marítimas e dos processos de colonização, iniciados no século XVI, as novas línguas se espalharam, estando presentes, hoje, nos cinco continentes.

ESPAANHOL

(terceiro idioma mais falado no mundo)

A Espanha deve seu nome à antiga forma como era chamada a Península Ibérica: Hispania. A conquista desse território pelos romanos começou em 218 a.C. Na região da atual Andaluzia, a latinização foi rápida. Já na região norte, onde se situa o País Basco, o idioma dos conquistadores demorou em se perpetuar. O espanhol ainda foi influenciado pelos visigodos e pelos árabes, que, em algumas regiões, permaneceram por 800 anos. Foi somente a partir da metade do séc. X, com a chegada do Cristianismo, que o pequeno reino de Castela, situado ao norte do país e dono de um dialeto ainda desconhecido, começa a conquistar o território. Esse processo perdurou até o séc. XV, dando origem, ao fim, ao idioma espanhol – ou castelhano.

ESPAÑHOL

PORTUGAL

215

390

PORTUGUÊS

(sexto idioma mais falado no mundo)

Os povos que habitavam a Península Ibérica eram separados pelas distinções linguísticas e culturais. Através das invasões romanas do século II a.C., esses dialetos variados são extintos, dando lugar ao latim. Na região da Lusitânia, que não corresponde exatamente ao território atual de Portugal, o idioma dos romanos evoluiu e originou no século VIII d.C., o galego-português. O português como idioma oficial de Portugal é reconhecido seis séculos mais tarde, e guarda, no seu vocabulário, as influências das invasões germânicas e árabes.

FRANCÊS

(décimo idioma mais falado no mundo)

Os gauleses, com seu falar céltico, foram um dos primeiros povos a habitar a região que hoje corresponde à França. Com as conquistas lideradas por Júlio César, no século I.a.C., eles cedem o lugar de seu idioma ao latim vulgar, que perdura até o século VII d.C.. Nesse período, ele dá origem a dois idiomas distintos: a langue d'oïl, usada na região norte da França, e a langue d'oc, na parte sul. A partir de cada um deles, surgem dialetos regionais. É de um deles, o chamado Île-de-France, que nasce o francês contemporâneo.

FRANÇA

115

ROMÊNIA

26

ROMENO

(quadragesimo idioma mais falado no mundo)

Na época do Império Romano, a atual Romênia era habitada pelos Dácios. Apenas uma parte dessa população foi romanizada, permitindo que o idioma local sobrevivesse, influenciando na formação do romeno. O território onde hoje é falado esse idioma, hoje, é circundado de países de língua eslava, fora de contexto geográfico de suas línguas-irmãs, como o português, o espanhol, o francês etc. Isso também permitiu que muitas características do latim permanecessem vivas no idioma.

LÁCIO

ITÁLIA

60

ITALIANO

(vigésimo primeiro idioma mais falado no mundo)

Com a queda do Império Romano, em 476, a região da Itália é subdividida em pequenos estados. Cada um deles possuía um patois* distinto. A partir do séc. XIV, com a difusão da literatura, o italiano começa a tomar forma. Sua maior influência foi o dialeto toscano falado pelos florentinos que, propagado através das obras de autores como Dante Alighieri, Boccaccio e Petrarca, se fixou como o italiano escrito. A língua falada mais uniforme começou a se espalhar pelo país somente no séc. XX, paralelamente aos dialetos regionais, que existem até hoje.

*Patois: dialeto utilizado por pequenos grupos populacionais.

LEGENDA

Quantidade em milhares de falantes nativos.



Um idioma transformado

POR JOSÉ ERNESTO DE VARGAS

A língua portuguesa, tal como os demais idiomas neolatinos, é resultado de um longo processo de transformação. Tem como origem o latim, idioma falado no Lácio, região central da Itália, e mais tarde difundido em larga escala pelos romanos através de seu império, juntamente com a língua autóctone falada na Lusitânia, então dominada por Roma. Da língua latina é possível rastrear um percurso histórico, ainda que não completamente. O mesmo não pode ser dito da língua lusitana original, porque não existem registros, a não ser resquícios de ordem fonética, perceptíveis no português e em outros idiomas de regiões limítrofes.

O que se conhece do latim diz respeito ao momento em que os romanos se fizeram importantes, dominadores da região central italiana e já usuários dessa língua. A partir daí pode-se falar de três períodos marcantes na história do idioma, o arcaico, o clássico e o pós-clássico e de duas variantes sociolinguísticas, a erudita e a vulgar. Os períodos pré e proto-históricos são duas fases de que não se obtém muitos dados e informações, porque não foram encontrados quase registros, tendo em vista que a língua existia fundamentalmente na modalidade oral. O latim arcaico

corresponde aos primeiros passos do desenvolvimento da literatura latina, quando os primeiros escritos nesse idioma ainda são apenas traduções ou adaptações das obras gregas para o latim. Já o latim clássico é o principal modelo dessa língua. Representa o auge do desenvolvimento literário, linguístico, político e cultural de Roma. É justamente este formato linguístico que foi e continua ainda hoje a ser estudado nos cursos secundários e superiores mundo afora. O terceiro e último processo desse desenvolvimento é o denominado pós-clássico. Compreende o período que começa com a decadência literária, linguística, cultural e principalmente com a derrocada política de Roma até os nossos dias. É marcado pelo enfraquecimento e fencimento da língua como representação da cultura romana. Entretanto, é importante que se diga, tal época não significa o fim total, mas antes o início dessa transformação. Pois que, apesar de não representar mais o Estado Romano, já inexistente, a língua permanecerá como idioma da Ciência, da cultura e da religião católica e assim chegará até a modernidade, além, é claro dentro dos novos idiomas latinos em transformação.

Quanto às variantes sociais da linguagem, o latim se divide em erudito ou clássico, de que se fa-

lou no parágrafo anterior, e latim vulgar. O primeiro é entendido pela total influência da literatura e da escrita sobre o mesmo; seus usuários são as pessoas que têm acesso à escrita e à leitura, à literatura, portanto. Ao passo que o segundo deixou poucos vestígios, porque manifesto principal e fundamentalmente de modo oral. Os falantes dessa modalidade pertenciam ao *vulgus*, às classes populares, de onde o nome vulgar, que não deve de forma alguma ser entendido com o sentido pejorativo que se costuma dar à palavra. Faltou dizer no primeiro parágrafo que a língua de Camões é derivada do latim vulgar, embora também tenha recebido, por diversas vezes ao longo dos séculos, influências da variante erudita. Para além das estruturas gramaticais, morfologia, sintaxe e fonética, a presença do latim no português se percebe, sobretudo, no léxico.

Certas expressões, as pessoas utilizam-nas tão constantemente que nem imaginam se tratar de latim, são os casos de *pro forma*, *pro labore*, *in natura*, *in locu* e *grosso modo*, em que muitos dizem “a grosso modo”, por considerarem idioma pátrio, e não parece mesmo?

JOSÉ ERNESTO DE VARGAS É PROFESSOR DE LATIM DA UFSC

Leitura privilegiada

Cult, a mais inteligente revista brasileira de cultura



Acesse o nosso site www.revistacult.com.br
Assinaturas e números atrasados 011-3385-3385

Editora
Bregantini

Nos cinco mil quartos de sua nada humilde casa, Bento XVI, atual papa da Igreja Católica Apostólica Romana, poderia abrigar toda a população do estado do Vaticano, que não chega a 800 pessoas. As 200 salas de espera, os 100 gabinetes destinados à leitura, os 300 banheiros, além dos mais de 20 pátios e outros tantos cômodos são destinados a recepções diplomáticas. Pelas imposições da modernidade, tudo foi adaptado. De antigo, ali, além das construções históricas, só o latim.

O idioma dos romanos sempre esteve presente na história da Igreja, construída, simbolicamente, em torno da tumba do apóstolo Pedro – localizada na outrora chamada *Mons Vaticanus*, ou Colina Vaticana. Cada novo papa é considerado um sucessor de Pedro, o primeiro pontífice da Igreja. Depois dele, já foram nomeados 265

novos representantes.

O Vaticano deixou de ser apenas o nome de uma colina em 1929, quando se tornou, oficialmente, o Estado da Cidade do Vaticano. Firmado entre o ditador fascista Benito Mussolini e Pio XI, o Tratado de Latrão estipulou que a Itália reconheceria “à Santa Sé [do latim *Sancta Sedes*, ou sede santa] a inteira propriedade, o poder exclusivo e absoluto e a jurisdição soberana sobre o Vaticano, na sua atual composição, com todas as suas dependências e dotações, (...) a Cidade do Vaticano”. Desde a sua fundação, a Cidade do Vaticano tem o latim como língua oficial. E não poderia ser diferente, já que a Igreja Católica foi uma das principais guardiãs do idioma. Mas, como ele não se renova, por não ter mais falantes nativos, acaba se restringindo aos documentos oficiais e às missas tradicionais – também chamadas de tridenti-

nas –, comumente celebradas até o Concílio Vaticano II, realizado no início da década de 60.

Com as mudanças nas celebrações católicas, que acabaram por excluir o latim como idioma oficial, a Igreja vem tentando retomar o seu uso de outras formas. Com esse objetivo, o papa Paulo VI criou, em 1970, a Fundação Latina do Vaticano. Foi ela a maior financiadora de uma das mais notáveis investidas da Igreja para ajustar o idioma às necessidades atuais: o lançamento de um dicionário moderno.

Publicado em 2003, o *Lexicon Recentis Latinitas* foi editado em dois volumes, que, no total, contam com 15 mil palavras latinas adaptadas para os dias de hoje. Tirando a curiosidade agregada à publicação, a professora de Linguística da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade Estadual Paulista (Unesp –Arara-

Sob a guarda do Vaticano

Uma das mais antigas tradições da Igreja Católica, o latim ainda vive nas inscrições, documentos e, até mesmo, no dia a dia do menor estado independente do mundo

POR MARIANA HILGERT

Léxico de bolso

quara), Maria Helena de Moura Neves, não vê como isso poderia contribuir ou aumentar o interesse pelo idioma. “É um dicionário de língua morta”, enfatiza.

Apesar de não ser muito favorável à expressão, ela explica seu sentido: “Nunca ninguém vai precisar dele, a não ser dentro daquele ambiente. Nos dicionários de hoje, aparecem termos novos porque eles estão em uso. Enquanto naquele lá, a língua parou. Eles vão criá-lo artificialmente e vão mudar só o léxico. A sintaxe não muda. Muda no uso, mas não vai mudar a semântica. É absolutamente diferente de uma língua em uso, pois é utilizado de forma regrada”.

Apesar das discussões, o Vaticano continua apostando no latim. Sua mais recente tentativa se deu através da promulgação do *Motu Proprio Summorum Pontificum*. O documento, redigido pelo papa Bento XVI em 2007, prevê que as igrejas voltem – se houver interesse por parte de um grupo de fiéis – a celebrar missas em latim, conforme previam as definições que precedem o Concílio Vaticano II.

O objetivo da proposta é acalmar as reivindicações de grupos católi-

cos conservadores, que mesmo com o Concílio, não deixaram de lado a missa na sua forma antiga. Outra justificativa é de cunho mais espiritual. Como o latim teria sido língua primeira dos cristãos, não tendo sofrido modificações, desde então, ele conseguiria aproximar mais os fiéis de Deus e da religião.

Sobre a tumba de Pedro teriam sido erguidos os primeiros muros do Vaticano. A direita, estátua do apóstolo



STOCKPHOTO

A lista de vocábulos que deu origem ao *Lexicon Recentis Latinitas* vem sendo escrita desde 530 d.C. Veja alguns dos mais curiosos:

Aeronave: *aeria navis*

Água gaseificada: *gasiosa potio*

Batata frita: *globulus solanianus*

Buzina: *sonorus autocineti index*

Cigarro: *fistula nicotiana*

Computador: *instrumentum computatorium*

Discoteca: *taberna discothecaria*

Fim de semana: *exiens hebdomada*

Fósforo: *flammifera assula*

Futebol: *pediludium*

Hora do rush: *tempus maximae frequentiae*

Jeans: *bracae linteae caeruleae*

Kamikaze: *voluntarius sui interemptor*

Livraria: *taberna libraria*

Macarrão: *pasta tubulata*

Mercado negro: *mercatura clandestina*

Odontologista: *medicus dentarius*

Omelete: *ovorum intrita*

ONU: *Unitarum Nationum Coetus*

Overdose: *immodica medicamenti stupefactivi iniectio*

Percentual: *centesima (pars)*

Pichação: *figura graphio exarata*

Pizza: *placenta compressa*

Playboy: *iuvenis voluptarius*

Raio laser: *radius lasericus*

Repórter: *chronographus*

Rodeio: *spectaculum equestre*

Sabotagem: *occulta eversio*

Saca-rolhas: *extraculum*

Telejornal: *relatio televisifica*

Trem: *hamaxostichus*

Xampu: *capitilavium*

Xarope: *mulso conditus*

Veja mais palavras em:

<http://www.alpheratz.org/>

O tradutor do papa

Admirador do latim, ele tem a língua dos antigos romanos não só como o principal objeto de trabalho, mas, também, como seu lazer

POR MARIANA HILGERT



O padre americano Reginald Foster é um apaixonado pelo latim. É ele o responsável pelas traduções oficiais dos documentos da Igreja e de quatro gerações de papas. A paixão é tanta que até caixas-eletrônicas com instruções em latim foram instalados pelo Vaticano, como ele mesmo mostra numa entrevista concedida a um programa televisivo alemão, em 2007. Ao repórter, ele afirma – em latim! – que, se as pessoas não puderem ler os antigos manuscritos da Igreja porque desconhecem o idioma, todos ficarão isolados desse mundo. “Então tudo se perderá. É contra isso que estou lutando. Até hoje, o latim é a nossa ligação com a história”, conta.

Foster lecionou Latim na Universidade Gregoriana de Roma por mais de 20 anos. Em 2007, ele decidiu abrir a própria escola, chamada *Academia Romae Latinitatis*, onde dá aulas gratuitas para quem tem interesse em aprendê-lo ou revitalizá-lo.

Sua expectativa é de atrair, por ano, cerca de 130 estudantes. Além das aulas regulares,

Foster oferece cursos do idioma

durante o verão europeu, sem custo algum. Ele exige, apenas, um nível elementar de conhecimento e o gosto pela língua.

Além de dar aulas, Foster é o protagonista do *The Latin Lover* (O amante do Latim), programa produzido e apresentado por ele, e transmitido, todas as sextas-feiras, pela Rádio do Vaticano*. Durante a emissão, ele traduz do inglês expressões atuais para o idioma antigo e comenta histórias das épocas áureas de Roma. Também é possível baixar os áudios do programa acessando o site** do padre.

Apesar do empenho em manter o latim vivo, Foster acredita que o idioma está com os dias contados. Numa entrevista à rede BBC, ele condenou o desinteresse de alguns representantes religiosos em estudá-lo e a ausência da disciplina nas grades curriculares de muitas escolas europeias.

O padre também se mostra mais cauteloso em relação ao retorno das celebrações em latim, segundo o antigo rito romano. Na mesma entrevista, ele declarou que tal decisão só faria a Igreja parecer ainda mais medieval.

*www.oecumene.radiovaticana.org

**www.frcoulter.com/latin/latinlover

Mesmo apostando no latim, Foster (à esquerda) teme que a língua esteja a caminho do fim

Na língua dos anjos

A celebração em latim torna a aparecer nas Igrejas, atraindo curiosos e gerando divergências dentro do próprio catolicismo

POR MARIANA HILGERT

As tardes de sábado são, para Marcos, sagradas. Desde 2007, ele vai ao mesmo lugar, no mesmo horário, para rever as mesmas pessoas e sentar nos mesmos bancos que, naquele dia, estavam levemente diferentes, mais adornados do que de costume. Algumas rosas brancas os enfeitavam – para um casamento, talvez –, preenchendo o corredor que parecia não ter fim, por

causa do longo tapete vermelho. Mas as mudanças, sutis, cabiam apenas ao cenário, e não às razões – essas, imutáveis – que o levaram até ali: a fé e o latim.

Aos 19 anos, Marcos Mattke é membro do Grupo de Jovens da Paróquia Imaculada Conceição, localizada no bairro Guabirota, em Curitiba. Dois anos antes, quando já era estudante de Re-

Amen!

O Pai Nosso teria sido pronunciado pela primeira vez por Jesus Cristo, em aramaico. Mais tarde, passou para o grego, de onde vem a versão latina, já bastante diferente da original.

"Pater noster, Qui es in caelis, sanctificetur nomem tuum. Adveniat regnum tuum. Fiat voluntas tua, sicut in caelo et in terra. Panem nostrum quotidianum da nobis hodie. Et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostri. Et ne nos inducas in tentationem: sed libera nos a malo. Amen."

A celebração na Paróquia Imaculada Conceição, em Curitiba, uma hora de latim e concentração



MARIANA HILGERT

lações Internacionais e, nas horas vagas, de Latim, descobriu que um pessoal da Paróquia – desconhecida para ele, na época – estava organizando uma missa diferente, conforme um ritual outrora bastante comum.

A proposta do grupo não surge do acaso. Ela coincidiu com a promulgação do *Motu Proprio Summorum Pontificum*, uma espécie de decreto lançado pelo papa Bento 16, a fim de rever certas determinações da Igreja que vigoravam desde 1965. Naquele ano, teve fim o Concílio Vaticano II, sob o papado de Paulo VI.

Durante três anos de discussão, foram elaboradas quatro constituições, três declarações e nove decretos que romperam com a visão mais tradicionalista da Igreja.

O decreto

O *Motu Proprio* foi oficialmente publicado no dia 7 de julho de 2007. Nele, o papa traça um pequeno panorama histórico acerca da doutrina católica. Ele aponta, por exemplo, que os livros litúrgicos, para se adaptar às necessidades dos dias de hoje, foram “restaurados e parcialmente renovados, e que ao redor do mundo foram traduzidos em diversas línguas vernáculas”.

Essas modificações foram feitas em 1969, quatro anos após o encerramento do Concílio. O grupo de especialistas que havia sido incumbido da revisão publicou o *Novus Ordo Missae*, a fim de redefinir certas questões que caracterizam as missas atuais. A celebração regida conforme o Concílio Vaticano II é considerada, segundo a Igreja, a forma de expressão ordinária, contrapondo-se àquela definida em 1570, por São Pio V, que hoje é tida como extraordinária.

Chamada de Missa Tridentina ou Tradicional, ela é realizada

conforme o Missal Romano – livro usado pelos padres durante a celebração – aprovado por Pio V durante o Concílio de Trento. Todas as orações são em latim e tanto o celebrante quanto os fiéis se voltam *ad Orientem*, onde nasce a luz – que para a Igreja representa Jesus Cristo. Dependendo do ponto de vista, isso significa que o padre, durante quase toda a celebração, fica de costas para os fiéis, ou de frente para Deus.

Tal ritual, que representa apenas um uso diferente do mesmo rito romano, é preferência de alguns fiéis, como relata o papa no documento. É por causa deles que o pontífice autoriza, nos 12 artigos que compõem o *Motu Proprio*, a utilização do antigo Missal Romano por qualquer sacerdote, diariamente, excetuando o Sagrado Tríduo (período da Páscoa – quinta-feira, sexta-feira e sábado). Dispensam-se formalidades para autorização – basta somente o pedido de um grupo de fiéis e o aceite por parte do padre.

Reimplementar uma celebração que, por quase quatro séculos, foi a missa de sempre, não seria o objetivo do *Motu Proprio*, conforme as palavras do papa. O documento seria mais uma tentativa de reconciliação com grupos católicos tradicionalistas, como a Sociedade de São Pio X (SSPX), fundada pelo arcebispo francês Marcel Lefebvre, em 1969.

O grupo refutou as definições do Concílio e, por isso, obteve autorização para celebrar o rito com base no Missal antigo. Inicialmente, tal permissão era concedida somente em alguns casos. Com o tempo, ela se expandiu, até que, em 1984, o papa João Paulo II definiu que, se houvesse interessados em realizar a celebração, caberia ao bispo de cada diocese decidir a real viabilidade. Quatro anos mais

tarde, Lefebvre foi excomungado por ter ordenado bispos sem antes ter sido autorizado pelo papa. Morto em 1991, o arcebispo deixou, segundo dados da própria Sociedade, cerca de um milhão de seguidores.

A excomunhão do arcebispo francês fortaleceu o clima de dissidência entre os grupos da Igreja. Mas, para o teólogo Leonardo Boff, o decreto seria uma forma de reforçar ainda mais essa segmentação. “O Papa está mais perto de Lefebvre do que do Concílio Vaticano II. Neste sentido, prejudica a unidade da Igreja e os esforços de renovação. Há o risco de que a Igreja mais e mais se isole e assumam atitudes de seita”, reflete, em entrevista à *Língua*.

A presença do latim também poderia provocar um afastamento por parte dos fiéis, já que remete à imagem de uma igreja antiga. “O papa quer interpretar este Concílio a partir do outro, o Vaticano I, que dava centralidade infalível ao papa e havia esvaziado a dimensão de povo, de Deus e de comunidade”, afirma Boff. Para o teólogo, essa decisão se encaixa na mentalidade tradicionalista de Bento XVI. “O latim é um símbolo de uma atitude de fundo, restauradora, conservadora e até certo ponto reacionária”.

Jovens

Responsável pela celebração na Paróquia da Imaculada Conceição, o padre Paulo Iubel não acredita que o rito tradicional possa ser um retrocesso dentro da Igreja, já que, como descrito no próprio decreto, não seria uma imposição. “É apenas uma resposta ao pedido de um grupo. Ninguém seria coagido a participar”, explica o sacerdote.

Uma das principais justificativas da Igreja em prol do uso do

latim é o caráter imutável da língua. Ela seria uma espécie de ligação com o passado à medida que preserva elementos espirituais. “Eu me sinto pessoalmente mais realizado [após a celebração da missa]. É como se o fator de mistério prevalecesse”, comenta.

Padre Iubel não liderou o retorno à celebração – por mais que ela o agrade espiritualmente e por ter sido, na sua época de seminarista, a missa usual. Quem encabeçou o movimento foram jovens tão interessados quanto Marcos – que, quando foi visitar a Paróquia pela primeira vez, não hesitou em participar ao descobrir que o grupo já pretendia começar a celebração na semana seguinte. “Passei a ajudar a organizar as missas desde então, passando a fazer parte do grupo, do qual fiquei muito amigo”, conta.

Participar da celebração só ajudou Marcos, que, anos antes, se encontrava afastado de qualquer religião. “A missa é bastante recolhida e isso facilita a oração”, relata Patrícia Medina, integrante do grupo, explicando a maior diferença dessa missa em relação às demais e justificando, sem querer, porque ela e cerca de 30 outros jovens preenchiam os bancos enfeitados daquela tarde de sábado.

Tradução simultânea

Nem todo mundo que vai à Missa Tridentina conhece ou estuda latim. Por isso, a Paróquia da Imaculada Conceição oferece aos fiéis um livreto que contém, de um lado, a versão em português e, do outro, em latim.



O uso do véu não é obrigatório, mas muitas mulheres seguem a tradição

No Mosteiro e em latim

Aos domingos, o Largo de São Bento, em São Paulo, fica cheio. Não de feirantes, mas de fiéis

POR MARIANA HILGERT

Construído há mais de 400 anos, o Mosteiro de São Bento atrai turistas, curiosos e fiéis que, nas celebrações, ocupam, quase sempre, os seus 693 assentos. Era o caso daquele domingo. Mal o ponteiro

anunciou 18h, as pessoas começaram a cruzar a grande porta de acesso, que dá para o Largo de São Bento, região central de São Paulo. As conversas eram intimidadadas pela luz baixa e pela devoção de fiéis que já se colocavam de joelhos. A maior parte deles, inclusive, era notada pela forma como se vestiam. Especialmente as mulheres e as crianças, que se escondiam por baixa do pano das saias, das blusas e dos véus – brancos, para as solteiras, e pretos, para as casadas.

Com os dedos cruzados em frente ao rosto, uma jovem de cabelos amarrados, cobertos por um lenço branco bordado, aguarda os sinos anunciarem a chegada do padre para voltar a sentar. O silêncio que a acompanhara nas orações até então se esvai com os choros das muitas crianças presentes – algumas sentadas, outras no colo dos pais. Nem isso parece perturbar a concentração geral, elemento importante numa missa cuja língua pairava sobre as cabeças dos fiéis, inscrita nas paredes da basílica, entre as figuras de santos: o latim.

Ritual

À frente da celebração, está o padre Jonas dos Santos Lisboa. Com uma longa túnica roxa, ele abençoa os presentes, cruzando o corredor principal. Lentamente, volta ao altar e dá início à missa, que segue rigidamente as normas previstas pelo antigo missal romano: genuflexões, uso do latim durante quase todo o ritual – com exceção da liturgia da palavra –, sucessivas anáforas – em que o padre fala e os presentes respondem –, entre outros elementos. Tudo regido pelo sacerdote que fica, na maior parte do tempo, de frente para o altar e, conseqüentemente, de costas para os fiéis.

Padre Jonas é responsável, desde outubro de 2008, pela celebração dominical do Mosteiro, na forma extraordinária – que, para ele, de extraordinário, nada tem. “Eu estudei latim no seminário, desde quando entrei, em 1964, aos 12 anos de idade. Na escola, estudei latim até a 4ª série ginásial, e depois fiz literatura latina nos dois anos de clássico. As nossas aulas de filosofia e teologia também eram todas ministradas em latim. E pratico continuamente o latim”.

Nos seus quase 33 anos de sa-



Com capacidade para quase 700 pessoas, o Mosteiro de São Bento lota aos domingos

cerdócio, padre Jonas rezou apenas uma missa em português. Isso se deve ao fato de ter feito parte da diocese de Campos dos Goytacazes (RJ), orientada pelo bispo dom Antônio de Castro Mayer. Ligado ao grupo tradicionalista do arcebispo francês Marcel Lefèbvre, a diocese seguiu, mesmo após o Concílio Vaticano II, o ritual antigo. Em 1988, junto a Lefèbvre, Mayer foi excomungado da Igreja. Três anos depois, foi fundada a Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianey, já sob a co-ordenação de um novo bispo.

Todos os sacerdotes pertencentes à Administração celebram segundo as definições de São Pio V. “Nós estamos atendendo São Paulo há 5 anos”, conta o padre. Além de auxiliar nas celebrações da cidade, a Administração envia material de apoio para diversas localidades, como Belo Horizonte,

Nova Iguaçu e Volta Redonda. Curitiba também recebe o auxílio do próprio padre Jonas, que, a cada dois meses, celebra a missa na forma extraordinária, na Igreja da Ordem. “Nós temos um DVD que ensina a celebrar a missa no rito tradicional”, acrescenta. Gravado pela Paróquia Pessoal do Senhor Bom Jesus Crucificado e do Imaculado Coração de Maria, de Campos, ele é enviado às igrejas junto a um livreto de orientação.

O trabalho feito pelos religiosos já foi alvo de críticas, pois conteria elementos de antisemitismo. Segundo reportagem da *Folha de São Paulo*, que teve acesso às gravações, haveria uma voz ao fundo, chamando os judeus de “povo deicida [assassino de Deus], o qual um dia reconhecerá que Jesus é o Messias”. A denúncia chocou a comunidade judaica, que receia o retorno da missa tridentina.

CULTURA AM 1200

A RÁDIO QUE FALA A SUA LÍNGUA



DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO

- ◆ **SOLANO RIBEIRO** e a nova música do Brasil, aos domingos, às 17h00.
- ◆ **LETRA & MÚSICA**, com Professor Pasquale, às terças, às 18h00 e aos sábados, às 13h00.
- ◆ **ACERVO WALTER SILVA**, todo sábado às 14h00, com reapresentação às segundas, às 18h00.
- ◆ **A VOZ POPULAR**, com Luís Antonio Giron, aos domingos às 11h00, com reapresentação às quintas, às 18h00.
- ◆ **TODAMÚSICA**, com Vilmar Bittencourt, às quartas às 18h00 e aos sábados, às 15h00.
- ◆ **BOSSAMODERNA**, com Tárík de Souza, todo sábado às 16h00.



www.radiocultura.am.br

Passado do presente

O ensino do latim nas escolas marcou um período em que os estudos clássicos e humanísticos eram uma das bases do sistema educacional brasileiro

POR MARIANA HILGERT

“**N**ão é possível desconhecer a irremovível vinculação de nossa cultura com as origens helênicas e latinas. Não seria conveniente romper com estas fontes”. Essa foi a justificativa dada pelo Ministro da Educação Gustavo Capanema, em 1942, ao explicar as razões de se ter, dentro do ensino secundário, disciplinas humanitárias, como o Latim. Capanema foi o respon-

sável pela implantação da Lei Orgânica do Ensino Secundário, que permaneceu em vigor por quase 20 anos.

Segundo a legislação, o ensino nas escolas seria dividido em dois ciclos: o primeiro, chamado ginásial, teria duração de quatro anos; o segundo, de três anos, poderia ser voltado à área clássica ou científica. Durante os sete anos, o latim seria – como, efetivamente, foi – disciplina obrigatória.



STOCKCHING

Zélia de Almeida Cardoso, professora aposentada de Latim da Universidade de São Paulo (USP), acredita que a resposta do Ministro se enquadrava nas exigências e condições da época. “Além dessas razões [apresentadas pelo Ministro], sempre se considerou o ensino do latim como importante instrumento para o desenvolvimento de faculdades tais como o raciocínio, a atenção, a memória, entre outras”. O problema é que as justificativas não afastavam das escolas as dificuldades de ensino de um idioma que, para crianças e adolescentes, aparentava não ter qualquer utilidade.

Um dos principais entraves era a metodologia usada na época. “Em cada classe do antigo curso ginasial, havia apenas alguns alunos que se interessavam pela matéria. A maioria simplesmente decorava declinações e conjugações verbais ou preparava meios fraudulentos para prestar contas dos conhecimentos em provas escritas e chamadas orais”, conta Cardoso. Essa é uma das razões pelas quais muitos alunos temiam a disciplina, que chegou a ficar conhecida como a “matemática das letras”.

Em 1962, o ensino do latim tornou-se facultativo no segundo grau – mudança prevista pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Mas foram poucas as escolas que optaram pela permanência da disciplina no currículo – afinal, além da falta de professores da área, havia um despreparo dos poucos que existiam. Um raro exemplo foi o Colégio Dom Pedro II, fundado em 1837, no Rio de Janeiro, que oferece a disciplina na sua grade curricular até os dias de hoje.

No mesmo ano da promulgação da lei, Vandick L. da Nóbrega era, já havia 17 anos, professor da disciplina na escola. Para a elaboração do livro *Metodologia do Latim - Vida*

Cotidiana e Instituições, publicado também em 1962, ele organizou uma pesquisa com todos os seus colegas de profissão a fim de justificar a importância do latim nos setes anos de curso secundário. Com os resultados, Nóbrega pôde afirmar aquilo que pregou durante toda sua vida como docente: “[o estudo do latim] constitui um instrumento seguro de boa e sólida formação intelectual e prepara pela ordenação e disciplina do pensamento, pela agudeza do espírito, pelo amor à pesquisa e pelo respeito às tradições humanísticas de nossa herança linguística, as gerações merecedoras de um futuro realizador”.

Os resultados da pesquisa de Nóbrega e sua aplicação ficaram restritos ao Colégio Dom Pedro II. Mas na tentativa de não ter mais a instituição como uma exceção, o deputado Milton Monti (PR-SP) elaborou o Projeto de Lei Nº 3.963, que pretendia reinserir o Latim, a partir da 5ª série do ensino fundamental, como disciplina obrigatória. A questão é que a ideia foi lançada quase 40 anos depois da promulgação da primeira versão da LDB (a segunda foi publicada em 1996, mas não gerou mudanças no que dizia respeito ao Latim nas escolas),

O objetivo do projeto era melhorar a própria língua portuguesa: “Conhecendo a origem das palavras, seu verdadeiro significado, poderemos ter uma língua rica, com a utilização precisa dos termos. Além de auxiliar na própria gramática, na análise sintática e morfológica, permitirá a busca nos textos clássicos da história da humanidade”, como descreveu o deputado no documento oficial.

A tentativa de Monti não foi aprovada pelo relator, o deputado João Matos (PMDB-SC). Apesar de reconhecer a importância do latim como língua-mãe do idioma pátrio e

de diversos outros, ele afirma que o seu retorno não significaria, necessariamente, uma melhoria na Língua Portuguesa. Como explicou no relatório do projeto, haveria outras questões mais complexas por trás de tal objetivo, como “a elaboração de uma política de formação continuada dos professores da área, melhores salários e campanhas maciças de fomento ao hábito da leitura, aliadas à implantação de bibliotecas públicas com acervos atualizados e redes de livrarias em todo o País, com preços de livros acessíveis ao consumidor.”

Inviabilidade

Dentro do atual contexto sócio-educacional brasileiro muitos profissionais compartilham da mesma opinião: não é possível reinserir o latim nas escolas. Cardoso acredita que é a condição dos próprios alunos de hoje que não favorece essa reinserção, impossibilitando uma comparação entre eles e os estudantes do tempo em que vigorava a Lei Capanema. “Nessas quase cinco décadas [desde que o latim deixou de ser obrigatório], a situação do ensino mudou completamente. O próprio perfil do aluno se modificou. Até os anos 60 do século XX, o curso secundário era elitizante e os meios de informação bastante diferentes dos de hoje. Basta considerar que a informática só se popularizou a partir dos anos noventa. Os estudantes – não apenas porque estudaram latim – são hoje muito diferentes dos do tempo em que o latim era obrigatório”.

A inviabilidade de se ter uma disciplina também está ligada à falta de professores. De acordo com dados do Censo do Ensino Superior, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), do Ministério da Educação (MEC), em fevereiro deste ano, o número de formandos em



MARIANA HILGERT

Didática do futuro

áreas específicas de magistério caiu 4,5%, entre 2006 e 2007. O curso de Letras teve uma redução de 10%, ficando entre os que apresentam dados mais preocupantes.

As próprias universidades tentam reverter essa situação, criando meios de aproximar a cultura romana das crianças. É o caso do projeto Latim na Escola, colocado em prática a partir de 2000, com a colaboração de professores e alunos de Latim da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A atividade, como consta no documento do projeto, “visa ao resgate da Língua Latina, à recuperação da sua história e cultura, ao desenvolvimento do raciocínio lógico, bem como contribuir para o processo ensino/aprendizagem da língua portuguesa.” O projeto de aplicação nas escolas foi interrompido em 2005 – mesmo assim, o trabalho de re-edição das obras voltado ao público infanto-juvenil continua à espera de editoras interessadas em publicá-lo.

Ideias como esta podem ser bastante proveitosas no sentido de

Responsável por preservar o nosso idioma e contar toda a sua história, o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, não é apenas uma simples exposição. Interativo e interessante, ele é visitado, desde a sua inauguração, em 2006, por crianças, jovens e adultos.

Como não poderia ser diferente, o latim ganha destaque dentro da história de formação da língua. Com desenhos, explicações, tabelas de palavras que se modificaram, além

de vídeos, ele se torna mais um dos elementos que compõem a estrutura do Museu.

No Beco das Palavras, uma das seções mais concorridas do local, a presença do idioma antigo se torna mais palpável. Com uma mesa interativa dedicada à etimologia, o público brinca e aprende.

Periodicamente, o Museu também faz exposições sobre personalidades que tiveram a língua portuguesa como seu foco de trabalho.

difundir a história e a cultura da civilização romana. Mas é preciso incentivar outras atitudes para que as crianças de hoje se interessem pelo estudo do latim.

A leitura é uma delas, como afirma o professor de Língua Portuguesa da USP, Mário Eduardo Viaro, “Quem não gosta de ler ou não gosta de desafios, jamais gostará de línguas difíceis e o latim é uma língua difícil para nós, não negro”.

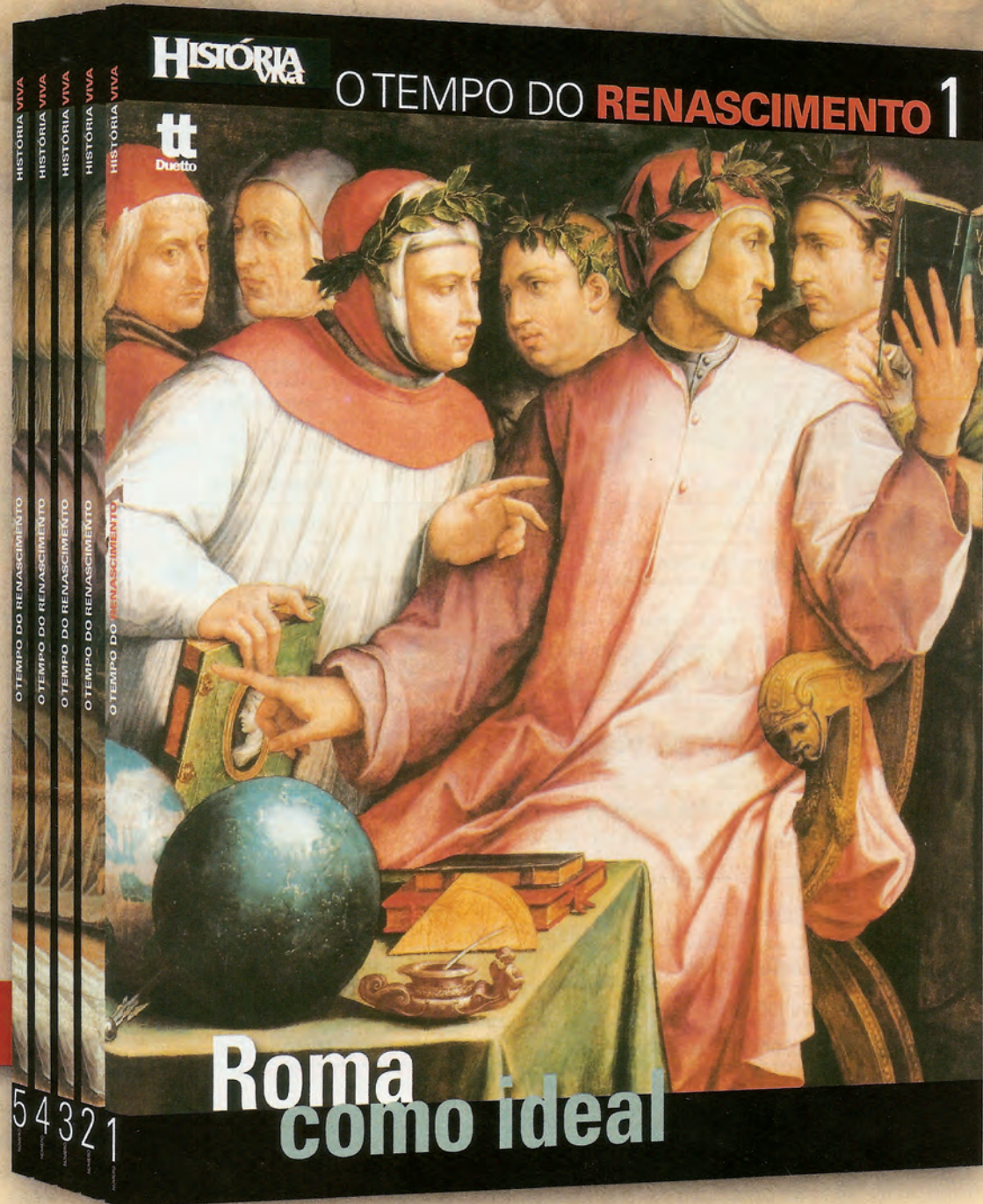
Apesar de não acreditar muito em fórmulas prontas de motivação, ele visualiza uma condição ideal para que ela funcione: “Acho sim, que quando se junta uma sociedade com indivíduos sedentos de conhecimento e professores muito maleáveis, aí a fórmula dá certo. Uma utopia é impossível de imaginar, mas é o que se verifica em muitos países, não necessariamente os mais desenvolvidos economicamente”.

Renascimento

Três séculos de história em 5 belíssimas edições

Imagine acompanhar Michelangelo pelos corredores do Vaticano enquanto ele pintava a Capela Sistina, ou contemplar o esplendor da Florença dos Medici. Agora, pare de imaginar e vá até a banca mais próxima. História Viva apresenta **O Tempo do Renascimento**, coleção em cinco edições que conta a trajetória do movimento que desafiou os dogmas medievais e criou as condições para o surgimento do mundo moderno. Prepare-se para uma viagem rumo ao coração da maior revolução artística de todos os tempos.

JÁ NAS BANCAS
O NÚMERO 1



RESERVE JÁ COM O SEU JORNALEIRO OU ACESSO
www.lojaduetto.com.br

HISTÓRIA
viva

www.historiaviva.com.br

Duetto
EDITORIAL

Uma língua adotada

Em muitos países europeus, o vínculo com o latim não vem de berço. Mas nem isso impediu que surgisse um interesse em conhecê-lo, estudá-lo, traduzi-lo e, até mesmo, cantá-lo

POR MARIANA HILGERT

Embora não façam parte da mesma família linguística, o finlandês e o latim possuem uma relação estreita. Localizada ao norte da Europa, a Finlân-

dia possui um noticiário produzido na língua oficial do Império Romano. O site *Nuntii Latini* – ou Notícias em Latim –, concebido pela YLE (Finnish Broadcasting

Company), publica, no idioma clássico, as manchetes de maior destaque mundial. Através dele também é possível escutar emissões de rádio na língua, que, em

Ranking de traduções



Não incentivar o ensino do latim nas escolas dificulta o nascimento de novos tradutores. E um dos objetivos do seu estudo é, justamente, permitir a leitura de obras e, talvez, traduzi-las.

Através do site *Index Translation*, da Unesco, é possível ter uma noção, embora reduzida, do quanto cada país produz na área. Neste exemplo, cinco países foram analisados a partir do mesmo requisito: tradução de obras do latim para suas respectivas línguas nativas.

Acesse o site do *Index Translation* em: <http://databases.unesco.org/xtrans/>

Em latim, Elvis também não morreu

2006, atraíram mais de 75 mil ouvintes. O número surpreendeu: há mais pessoas escutando um programa em latim do que inúmeros outros transmitidos pela BBC inglesa.

Por estar disponível na internet, qualquer pessoa pode ter acesso e tirar proveito do material produzido pela YLE. Assim faz um grupo de espanhóis, todos integrantes do *Circulus Latinus Matritensis* (Círculo Latino de Madri), espécie de filial da *Societas Circulorum Latinorum*, federação que organiza círculos de conversação em latim. Para aperfeiçoar e praticar a língua, que é utilizada pelo menos uma vez ao mês, eles escutam a rádio finlandesa, participam de fóruns na rede, além de promoverem encontros entre falantes de países diferentes. Mas a razão de ser do grupo é, basicamente, uma: os encontros da última sexta-feira do mês.

O aviso da reunião fica preso na cafeteria escolhida. “Aqui, fala-se latim”, anuncia o cartaz, que atrai poucos curiosos. Os que vêm são, basicamente, os mesmos nove. Fora dali, cada um exerce uma profissão distinta. Mas ao redor da mesa, todos se tornam iguais na busca de um mesmo objetivo: praticar o latim. E eles discutem tudo – até futebol! – usando, quando preciso, um léxico atualizado pelo Vaticano, com palavras adaptadas às necessidades atuais.

O *Matritensis* vem de Madri, uma das cidades que abriga um círculo de conversa. Mas a *Societas* é bem distribuída pelo continente europeu: além de Madri, há mais 15 cidades, espalhadas por nove países. A existência de uma unidade que coordena os grupos permite a troca e o acesso a materiais, além do intercâmbio entre os curiosos estudantes.

O vizinho Portugal também tem um *Circulus Latinus* – embora o interesse pelo ensino do idioma clássico

Qual a relação entre Elvis Presley, Finlândia e latim? Nenhuma, até 2006, quando o cantor finlandês Jukka Ammond resolveu recriar os sucessos do americano, traduzindo-os para o idioma dos antigos romanos.

Em entrevista ao site da BBC, ele justifica o trabalho, ao afirmar

que a lenda de Elvis ainda vive e deve ser cantada em latim, já que esse é um idioma eterno.

Entre as músicas traduzidas por Ammond, estão *Can't Help Falling in Love* (1961), que virou *Non Adamare Non Possum*, e *Sur-render*, que passou a ser *Nunc Aeternitatis*.

venha decaindo. Entre 2006 e 2008, o número de estudantes escolares da disciplina reduziu 80%. A queda tão abrupta deu margem a uma discussão entre professores, de um lado, e políticos, de outro. Para os docentes, o ensino na área de Humanas vem sendo desvalorizado, perdendo espaço para investimentos no campo tecnológico. Já segundo os representantes do Governo, o problema diz respeito aos estudantes, que não estariam interessados em aprender o idioma.

A Inglaterra é o exemplo contrário nesse sentido. Segundo um estudo feito pela organização *Cambridge Schools Classics Project* (CSCP) com escolas públicas inglesas de nível secundário, em 2008, verificou-se que cerca de 200 instituições lecionavam latim em 2000; sete anos depois, o índice subiu para 471. Os resultados da pesquisa também detectaram uma redução no número de profissionais da área. Essa diminuição é incompatível com a demanda, acentuada, também, pela procura das escolas primárias – cerca de 2500 delas preveem o ensino do idioma dos romanos para ajudar as crianças a aprenderem a gramática inglesa.

Como o inglês, a língua alemã, apesar de toda a influência que teve do latim, não é sua filha. Mesmo assim, a Alemanha demonstra ter um grande interesse pelo seu estudo, como atestam os 740 mil estudan-

tes de ensino médio, que, em 2006, enchiam as aulas da disciplina, nas escolas do país. O número indica um aumento de 13% em três anos – em 2003, eles eram 654 mil. Somente o inglês, que tinha dez vezes mais alunos, e o francês, que atraía quase três vezes mais interessados, superavam esse índice.

Uma escola da cidade de Bremen, na região noroeste da Alemanha, virou notícia com aquilo que pode ser uma explicação para um número tão alto de alunos: a busca por novas formas de passar o conteúdo aos estudantes. Em 2006, sete professores se organizaram e, juntos, passaram a transmitir, mensalmente, as principais notícias – fossem elas locais, nacionais ou mesmo internacionais – em latim.

Fora da Europa, os Estados Unidos se destacam. Segundo reportagem do *The New York Times*, publicada em 2008, o número de alunos prestando o Exame Nacional de Latim cresceu. De 101 mil estudantes, em 1998, o índice subiu para mais de 134 mil em 2007.

Uma das razões que explica esse interesse é a curiosidade dos alunos, aguçada por livros como *Harry Potter*. Na obra, os nomes dos feitiços e magias são baseados no idioma.

Se a língua clássica virar uma febre como já virou o livro, ela pode vir a ser a terceira mais estudada do país, perdendo apenas para espanhol e francês.

Diploma para OS *clássicos*

Histórias de estudantes e docentes de ensino superior que ainda veem o latim como uma chave importante para a compreensão da própria língua portuguesa

POR MARIANA HILGERT

Quando começou a aprender latim, aos 10 anos, Maria Helena de Moura Neves ainda desconhecia a importância da língua que ouvia somente da boca do padre, nas missas que frequentava quando criança. O aprendizado que teve na infância só foi lhe ser útil anos mais tarde, quando prestou vestibular. “Aqui-lo ali, para mim, era a coisa mais simples do mundo”, comenta, ao relembrar a prova de latim que fez

para ingressar no curso de Letras Português-Grego da Universidade Estadual Paulista (Unesp – Araraquara). Atualmente, trabalhando como professora de Linguística na Universidade Presbiteriana Mackenzie e na mesma Unesp em que estudara, ela compara a época em que viveu com a atual no que diz respeito ao estudo do latim. “Eles [os estudantes] começam a fazer aquilo que eu fazia com 10 anos, que é começar a saber o que era

caso, o que era declinação, quando entram na universidade”.

A história de Neves serve para ilustrar uma época em que o latim era prestigiado em todos os níveis educacionais – cultura que vem do século XVII, quando o ensino do idioma é in-



roduzido nos seminários. Os jesuítas foram os primeiros professores da língua, que só se tornou disciplina obrigatória, em nível secundário, no ano de 1772, mais de um século depois. Com o surgimento das primeiras universidades – como a de Manaus e a do Rio de Janeiro, criadas, respectivamente, em 1909 e 1920 – e dos primeiros cursos de Filosofia, a língua e a literatura latina se tornam disciplinas relevantes no âmbito educacional do ensino superior. Em 1931, o Ministro da Educação Francisco Campos incentiva oficialmente a dedicação à área, através da promulgação do Decreto N° 19851.

Com isso aumentam as produções de gramáticas, traduções de obras latinas e elaboração de livros didáticos diferenciados.

Trinta anos depois, a situação do latim já era diferente. Com a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), decretada em 1962, seu ensino se restringiu ao curso de Língua e Literatura Latinas e às disciplinas compulsórias presentes no currículo de Letras. Nem mesmo as instituições de ensino superior regidas pela Igreja Católica, responsável pelas primeiras investidas da língua no país, o mantiveram, deixando tal responsabilidade a cargo das instituições, na sua maioria, públicas.

Em 1989, o professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Rosalvo do Vale escreveu o artigo *Os estudos clássicos na universidade*, no qual justifica a crise de disciplinas como o Latim, dentro do ensino superior. Um dos fatores remonta ao Parecer N° 283, elaborado, no mesmo ano da LDB, pelo Conselho Federal de Educação. Nele, fica estabelecido que, no currículo mínimo para os cursos de Letras, a “Língua Latina integra a parte comum, obrigatória das disciplinas, porém com a ressal-

va de que deve ser entendida como ‘simples matéria instrumental’”.

Autor da obra *Dal latino al italiano*, Italo Lana enxerga esse processo de instrumentalização de forma positiva. Para ele, somente usando o latim como um meio, através do estudo das obras literárias, será possível compreender historicamente a civilização romana. Já Alceu Dias Lima, no livro *Uma estranha língua: questão de linguagem e de método*, publicado em 1995, vê a língua como um instrumento para outro fim: o aperfeiçoamento do português.

Justificativas

Nesse contexto, surge o questionamento: afinal, por que estudar latim? Para José Ernesto de Vargas, professor da disciplina de História da Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é interessante suscitar tal questionamento entre os alunos. Concordando com a ideia de Lana, ele entende que “a razão primordial [para o estudo do latim] é a questão histórica, e, para mim, história é uma preocupação fundamental. O próprio Cícero dizia que não saber o que se passou, o que aconteceu no passado, é ter uma postura de criança”.

Esse fator, que diz respeito à história da civilização, é a principal razão levantada por Lana. Na sua obra, ele explica o porquê do estudo do latim: “A sociedade de hoje deve conhecê-lo (e a cultura de hoje, a ele recorrer com frequência) para conhecer a si mesma. A compreensão do presente passa pelo conhecimento do passado. E o nosso passado é antes de tudo a civilização da Roma antiga no que teve de bom e no que teve de mau”.

A outra justificativa, de que o latim favoreceria a compreensão da língua, era usada pela professora de Latim da Universidade de São Paulo (USP), Zélia de Almeida Cardoso. Ela conta que costumava brincar com os

alunos quando eles a questionavam sobre a real utilidade do latim. “Para que serve é uma coisa relativa, eu dizia. Saber fritar um ovo é algo muito mais relevante quando você está com fome”. Apesar de brincar, ela deixava clara a função da sua disciplina: explicar os fenômenos do português. Mesmo assim, ela ressalta que “a pessoa pode falar um português perfeito sem conhecer latim. Você pode falar um inglês perfeito sem saber de onde ele veio”.

Como professora de Linguística, Maria Helena de Moura Neves concorda com a afirmação de Cardoso. “Não é dizer que eu preciso do latim para escrever bem. Eu estou pensando em pessoas que se aprofundam na linguagem, que lidam com a linguagem como objeto de investigação”, explica, referindo-se aos discentes. Para ela, o latim traz uma vantagem específica que difere seus estudantes dos demais: “Você tem um gatilho disparado para poder observar mais coisas na sua língua. A vivência do latim é a preparação de um gatilho disponível pra você desvendar certas construções”.

Responsável pelas disciplinas de Língua, Literatura e Tradução Latina no curso de Letras da UFSC, Mauri Furlan volta suas aulas para a questão do funcionamento e da estrutura do sistema linguístico latino. Mas, segundo ele, isso é uma questão de escolha que fica a critério do docente. “Ele pode dirigir a sua prática de acordo com os seus objetivos”, observa. Por isso que, para ele, não há uma justificativa principal para o estudo do latim. “No curso de Letras, o latim é oferecido não com vistas a ler as obras clássicas. Mas isso é uma consequência – primeira, talvez. O latim também é a base de nossa cultura. A gente sempre aprende que ela é greco-romano-judaica, mas eu deveria entender essas culturas, que estão na base da minha origem”, explica.

Os furos de currículo

A falta de metodologia adequada ainda é um dos fatores que desestimula os estudantes universitários a darem início ou continuidade aos estudos do latim

POR MARIANA HILGERT

Em 1996, mais de 30 anos após o lançamento de sua primeira versão, foi aprovada a nova LDB, concedendo às universidades, o direito de decidir sobre o ensino da língua latina nos cursos de Letras. Enquanto algumas excluíram a disciplina, diversas instituições, como USP, Unicamp, Unesp e UFSC, mantiveram-na no quadro curricular. Mas havia, entre elas, um problema comum: a desistência por parte dos alunos.

Para tentar melhorar os índices, a USP, única universidade no Estado de São Paulo que possui um departamento destinado exclusivamente aos estudos clássicos, repensou a forma de introduzir o latim aos alunos. Para isso, a instituição criou, em 1998, a disciplina de Introdução aos Estudos Clássicos (IEC). Apesar de já estar aposentada quando a IEC foi implantada, a professora Zélia de Almeida Cardoso reconhece a validade da escolha feita pela instituição. “Os alunos que entram em Letras têm algumas matérias obrigatórias, como a Iniciação aos

Estudos Clássicos, de dois semestres. Eles leem textos, depois têm a poesia lírica e o teatro. É uma matéria que geralmente eles gostam bastante”, observa. A reformulação foi eficaz: com índices de 40%, em 1998, a desistência caiu para apenas 9%, seis anos depois.

Os dados são da dissertação da pesquisadora Charlene Mioti, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O pequeno vínculo que os alunos criam com o passado romano durante os estudos e até mesmo a desorganização do corpo docente são alguns dos problemas levantados pela pesquisadora. Mas foi a falta de uma metodologia de ensino unificada, outro desmotivador dos alunos, que deu origem ao objeto principal de pesquisa de Mioti: o método *Reading Latin*.

Lançado em 1986 pelos professores Peter Jones e Keith Sidwell, a estrutura dele se baseou na do já existente *Reading Greek*. A ideia dos dois projetos era a mesma: criar uma forma de ensinar os idiomas para adultos e “quase-adultos” que permitisse um acesso rápido e eficaz a obras originais de autores da época. Escrito, inicialmente, em inglês, o método continha um conjunto de textos e um livro de exercícios, teorias gramaticais e vocabulários. Em 1994, a ideia foi adotada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mais tarde, outras instituições também optaram pela novidade, como a UFSC, que, em 2002, passou a aplicar a metodologia em sala de aula.

Um dos maiores obstáculos dentro da universidade catarinense se repetia em outras instituições

do país: cada professor usava um método próprio, inviabilizando que o aluno acompanhasse a mesma linha de raciocínio por todo o curso. Foi para resolver esta questão que Furlan apostou na inovação do *Reading*. “Cada um usava seu método, e a gente percebeu que havia diferença. Por sugestão minha, padronizamos um pouco mais”, conta. Além de permitir uma uniformidade no ensino, o método causou uma revolução na própria relação com os alunos. “O latim que era dado demorava muito tempo para dar uma noção do sistema ao aluno. Agora, já na primeira fase, ele começa com a leitura de uma comédia de Plauto e a língua já é apresentada de uma forma mais completa”, garante.

A baixa carga-horária do latim em grande parte dos cursos de Letras seria um fator que poderia justificar os poucos alunos que se interessam, ao fim do curso, por uma área tão específica. Na tentativa de ir contra esse fluxo, a UFSC é um exemplo único no país: hoje, ela estabelece, no currículo do curso de Letras, 72 horas-aula de Latim, diferente do padrão, que é de 45 horas. Mas, segundo a professora Maria Helena de Moura Neves, a carga-horária não explica o baixo número de estudiosos da área. Para ela, o que não acontece hoje é, justamente, o que aconteceu na sua época: o incentivo ao estudo do latim ainda antes do ensino superior. “Um aluno começando na universidade, vai sair com umas pinceladas”, opina. “Não é questão de carga horária, é questão de tempo de formação, é questão de período que a pessoa fica exposta

O tênis de solado baixo, as meias listradas – sutilmente à mostra –, e o casaco de moletom enquadram Fernando Coelho, 29 anos, no estereótipo perfeito de aluno universitário – coisa que ele realmente é. Mas será que também o encaixariam dentro da imagem usualmente feita acerca de professores de Latim e Grego? Ele mesmo reconhece que não.

Quando entrou para o curso de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), aos 21 anos, Coelho já se interessava pela cultura e história do latim, mesmo sem saber por quê. “Eu sempre tive uma afinidade inexplicável com o mundo antigo, em especial com o mundo romano. As imagens de Roma e a língua de Roma me fascinavam e eu sabia que, de alguma forma, um dia eu as estudaria”, conta. Foi o que decidiu fazer um ano depois do vestibular: trocou os cálculos pela Filosofia e mergulhou no latim.

Coelho aprendeu o idioma sozinho, mesmo sabendo que ele era oferecido como disciplina optativa no curso de Letras. Ele até chegou a assistir a uma aula de cada professor. “Mas essas aulas me fizeram saber que o meu ritmo de estudo era muito diferente dos alunos”, relembra. Em 2005, ele comentou com um amigo do interesse que tinha em criar um grupo de estudos de Latim. Os dois levaram adiante a ideia, que atraiu outros interessados.

Paulo Costa foi um deles. Ele relembra que, nos

dois de anos de existência do grupo, os três se reuniam semanalmente para estudar duas horas de latim, seguidas de duas horas de grego. Para ele, que era estudante de Ciências Sociais, esse interesse por idiomas teve uma razão bem pontual. “Quando um professor me falou que os professores de Ciência Sociais não sabiam falar e não conseguiam ler em outras línguas, comecei a estudar Grego sozinho. Comecei a me entusiasmar. Queria ler Platão e perguntei para a professora se ela conseguia ler sozinha. Ela riu”, recorda.

O estudo do Latim rendeu frutos para cada um deles. Costa disse que sentiu muita diferença no uso do português. Já Coelho levou mais adiante o gosto. Acabou terminando Filosofia e pediu retorno para o curso de Letras-Francês, que concluiu em 2008. Ao mesmo tempo, entrou no mestrado em Estudos da Tradução, na própria UFSC, defendendo a sua dissertação no começo desse ano. Hoje, ele é professor substituto de Grego, aluno do curso de Letras-Italiano, tem um grupo de extensão de Latim iniciante e já está com ideias de aulas para o próximo semestre. Nada planejado, como ele admite. “Eu não tinha ideia dos impactos e consequências que o estudo do latim e grego teria na minha vida. As pessoas que são levadas a ele por um conselho não se dão conta, de fato, do que significa aprendê-lo.”

a este estudo. De fato, vai haver aqueles fatos de vocação. Eles podem se tornar muito bons, mas como formação, eu acho tarde”, conclui.

Dificuldades

Além de questões pontuais referentes a escolhas de cada instituição, há outros motivos que dificultam o ensino do latim na graduação, tanto no curso de Letras, como disciplina obrigatória, quanto no próprio curso de licenciatura. Para Neves, um dos entraves é a elitização do latim. “No Brasil, não tem jeito de não ser considerado de elite. Todo mundo vai dizer: para quê? E a explicação do ‘para quê?’ é de elite mesmo”, afirma. Essa explicação, segundo a professora, diz respeito aos objetivos do latim. Ensiná-lo significa

direcionar pessoas para um certo rumo. “A questão não é dar estudo pra elite, é conseguir dar alguma coisa da elite pro povo. Eu gostaria que o povo fosse elitizado. Eu acho que isso é acrescentar”, reflete.

No blog que criou para complementar suas aulas, o professor Adriano Scatolin, da USP, aponta outros fatores, de cunho mais prático, que também inviabilizam o fortalecimento do ensino e da pesquisa na área do latim. Em primeiro lugar, ele cita a falta de traduções. Segundo ele, muitas obras de autores romanos ainda não existem em português – o que há, normalmente, são versões feitas a partir de outra língua.

Outro empecilho seria a falta de dicionários bons à venda, hoje, nas livrarias brasileiras. Segundo o

professor, eles ainda não têm uma “combinação ideal de abrangência vocabular e apresentação sistemática das diversas acepções, construções, regências e exemplos”.

Mas quando há muitas lacunas – não há tradução e os dicionários são confusos – e recorrer a obras estrangeiras se torna inevitável, surge mais um entrave: o idioma. Scatolini afirma que é possível se dedicar aos estudos de latim sem conhecer outras línguas, embora, como explica, “isso represente uma grande limitação, pelo menos com nossa disponibilidade atual de material básico de trabalho”. A responsabilidade, dessa vez, recai sobre o aluno, que deverá trabalhar com uma situação irônica: antes de entender a língua-mãe, terá que compreender as línguas-filhas.

Os porquês do latim

POR CHARLENE MIOTTI

Não existe uma receita. Há quem diga: “sei conversar em latim!” ou “conheço *As Metamorfoses* de cor!”. Terão esses aprendido e conservado seu latim na base das tabelas, da tradução contumaz ou ainda por uma fórmula mágica ignorada pelos mortais? Ou ainda: o que é saber latim? Seria dominar o sistema declinatório, o universo sintático e vocabular tão bem a ponto de transportar o latim para o presente e fazê-lo sambar para se referir, por exemplo, ao nosso irremediavelmente moderno jeans (socorre o Vaticano: *bracae linteae caeruleae*)? Ou seria ter na ponta da língua o top da literatura clássica (junto com uma galeria de aforismas de cada autor)?

Orbitam em volta do latim prescrições, mitos e preconceitos de todo tipo. Extinto do então “segundo grau” na década de sessenta e desobrigado pelo MEC no currículo universitário, o latim vem ganhando uma aura de erudição inacessível que reforça as crenças populares sobre ele. Se em uma roda de amigos o estudioso de latim cair na armadilha cotidiana de contar o que faz da vida, com muita probabilidade será apresentado com um bombardeio de perguntas curiosas: “para quê você usa o latim?”, “fala alguma coisa em latim?” etc...

O latim faz parte de um ima-

ginário coletivo construído por quem ainda sofria com ele no colégio sob os pretextos clássicos que inúmeros professores, autores de métodos e gramáticas e até admiradores leigos sustentavam: aprendê-lo aguça o intelecto, amplia a capacidade de observação, aperfeiçoa o poder de concentração, desenvolve o espírito analítico, ajuda a mente a adequar-se à calma e à ponderação. Sem falar na militância do latim para se tornar dono de um português impecável. Essas justificativas, são elas suficientes para embasar o ensino e o estudo de latim em qualquer instância?

Para além dos conteúdos e do modo como eles vêm sendo ensinados em sala de aula, há que se repensar principalmente os objetivos que norteiam esses esforços que, se não forem bem delineados, produzirão pífios resultados quando muito. O que buscamos quando ensinamos latim para alunos de Letras e Filosofia em contexto universitário? Que eles possam conversar em latim? Que eles decorem os textos-base? Que eles saibam traduzir frases construídas por aqueles autores de gramática para quem o latim é ferramenta indispensável para um bom português e um raciocínio lógico-matemático?

Essas questões vieram à tona com o estudo em nível de mestrado que realizamos na Unicamp

sobre a metodologia de ensino de latim nas Universidades Estaduais de São Paulo. O que foi possível constatar nas cinco Universidades (considerando cada campus da Unesp como uma unidade) era previsível: cada professor trata de compor por si só um método que de fato ajude seus alunos a aprender aquele latim obrigatório do currículo mínimo dos cursos de Letras – que não é nem de longe o latim necessário para se ter acesso a qualquer tipo de literatura, mas resolve a questão de quem sempre quis entender as frases de Edgar Allan Poe em *O Barril de Amontillado*.

O latim precisa ser encarado sem o ranço erudito, tradicionalista e arcaizante que o reduz a uma língua morta (quando se trata apenas de uma língua do passado). Ora, um ensino que se pretenda eficaz precisa levar em conta a complexidade e as particularidades do sistema linguístico com o qual está lidando, além das múltiplas competências sem as quais é impossível alcançar qualquer dimensão, mesmo que pequena do que de fato é determinada obra no seu registro original. E sem essa dimensão, afinal, por que dedicar-se ao estudo de uma língua clássica?

CHARLENE MIOTTI É AUTORA DA DISSERTAÇÃO O ENSINO DO LATIM NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO E O MÉTODO INGLÊS READING LATIN: UM ESTUDO DE CASO.

In dubio

pro reo

A expressão latina é uma das bases do Direito Penal e propõe que, em caso de falta de provas ou dúvida, decida-se a favor do réu. E se o réu for, justamente, o latim?

POR MARIANA HILGERT

"Viver honestamente, não lesar ninguém, dar a cada um o que lhe pertence". Apesar de simples e óbvias, estas três ideias remetem a uma história bastante peculiar. Originalmente publicadas em latim – *honeste vivere, alterum non laedere, suum cuique tribuere* –, elas se referem aos preceitos de um dos maiores legados deixados pelos antigos romanos: o Direito.

A máxima foi apresentada no *Institutas*, manual destinado a estudantes de Direito organizado por Justiniano (482-565), imperador que assumiu o Império Oriental anos após a queda de Roma (476). Ele exigiu que as ideias publicadas no seu guia fossem adicionadas, junto a outros trabalhos, ao *Corpus Iuris Civilis*. A obra se opunha ao *Corpus Iuris Canonici*, conjunto das primeiras leis compiladas pela Igreja Católica.

Mas foi bem antes de Justiniano que surgiram as bases iniciais do Direito Romano. Não há registro escrito dos primeiros con-

ceitos, que correspondem à época da Realeza (754 a.C – 509 a.C). Nesse período, o que valia mesmo eram os costumes da população. Foi para reorganizar essa condição que se instituiu a Lei das XII Tábuas. Como explica o historiador Mario Curtis Giordani, na obra *História de Roma*, ela teria sido escrita “com a finalidade de codificar o direito costumeiro, impedindo as arbitrariedades dos patrícios contra os plebeus”. A partir disso, a organização jurídica de Roma começa a tomar forma.

Até chegar às definições de hoje, o direito romano passou por transformações e adaptações. Mesmo assim, ele sobreviveu como a maior fonte do sistema jurídico ocidental, regendo os principais conceitos das nossas relações em sociedade. Para entendê-los bem, é preciso se familiarizar com o latim, língua materna do direito que ainda se mantém viva nos tribunais e em textos jurídicos. É o que afirma Vandick L. da Nóbrega, no seu *Metodologia do latim* (1972). “O conhecimento do latim é tão somente a fase

preliminar e obrigatória para que alguém possa pronunciar-se com autoridade sobre as obras clássicas dos jurisperitos romanos”.

Interesse

Mesmo não tendo a disciplina na sua grade curricular obrigatória, Misael Torquato de Souza, estudante da 5ª fase de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fez questão de aprender o idioma da civilização romana – pela qual ele, aliás, nutre grande interesse. “Entrei no Direito porque é uma produção dos romanos”. Seu interesse pela língua começou antes mesmo da universidade. Estudando-a, ele pretende, mais do que adquirir um conhecimento, provocar uma mudança. “Eu pretendo utilizar o latim para definir conceitos, para conceituar melhor, e trabalhar mais honestamente. Não é por reles capricho intelectual”, justifica.

No artigo *O Latim e outras dificuldades da linguagem forense*, Pedro Inácio da Silva também defende o ensino do latim. Segundo

assim para evitar que futuros advogados e juízes trabalhem com expressões as quais nem sequer entendem. “O que comumente ocorre é a repetição de expressões que se tornaram usuais no meio forense, sem o real domínio do seu significado, particularmente em razão da supressão do ensino do latim nos cursos de direito, língua em que foram escritas as linhas mestras do direito ocidental, e que até hoje reverbera na linguagem forense”, analisa.

Quem trabalha no meio jurídico e não possui um conhecimento mínimo do idioma, está mais suscetível a deslizos – especialmente por se tratar de uma língua que não tem sequer falantes nativos vivos. Há muitas máximas e citações jurídicas de origem latina que se tornaram comuns e, por isso, com mais chances de terem seu sentido e forma adulterados. Um dos exemplos é a expressão *data venia*, que, como explica José Barbosa Moreira, na obra *A linguagem forense*, “é utilizada em sinal de respeito, como licença à pessoa de quem se quer divergir.” Mas se os romanos antigos escutassem as variações que ela já sofreu, chegando a se transformar em superlativos – como em *datissima venia* e *data veníssima* –, não se lembrariam da carga semântica respeitosa da expressão.

Para evitar situações embaraçosas causadas pelo desconhecimento, Maria Helena de Moura Neves, professora de Linguística da Universidade Estadual Paulista (UNESP – Campus Araraquara) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, apoia a implantação de disciplinas de latim voltadas para esses estudantes. “Tem muita coisa ali que não dá para decorar e que é preciso saber, porque é tudo fundamentado no direito

romano. Por isso, acho que a formação em Direito tinha que exigir uma boa formação em latim”, defende.

Enquanto a sua falta no ensino provoca discussão entre educadores, o seu excesso no meio jurídico levanta polêmica, já que pode gerar um grave problema: a incompreensão. Por causa disso, o Código de Processo Civil de 1973 enxugou as expressões empregadas em demasia pelo Código anterior, de 1939, estabelecendo, também, a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa em todos os atos e termos processuais.

Na prática

Membro da Comissão de Ensino Jurídico da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em 2007, Paulo Roney Ávila Fagundes acredita que a decisão expressa pelo Código remete ao momento contemporâneo do Direito. “Seria uma necessidade do estudo do latim, muito embora tenha havido uma redução dos vocábulos. Há alguns provérbios, ditados e máximas que facilitam algumas coisas no Direito, mas, hoje, cada vez menos, se usa [o latim]”.

Por já ter trabalhado na Comissão de Ensino, ele reconhece que a questão do latim é muito pouco discutida justamente por causa da redução do seu uso. “E até mesmo quando há o emprego, as pessoas acham estranho”, admite. A estranheza surge, especialmente, daqueles que estão fora do contexto jurídico. O uso, aliás, de inúmeras expressões complicadas teria dado origem a uma “língua” própria, compreendida somente por aqueles que fazem parte do meio: o juridiquês.

O ex-presidente do Superior Tribunal de Justiça, Edson Vidigal, chegou a comparar o jargão

Lei das 12 Tábuas

Escritas por volta de 450 a.C., as Tábuas representam as primeiras leis oficialmente registradas e públicas – tanto que estavam expostas no Fórum Romano.

Os 12 temas sobre os quais os textos legislavam eram:

- I De in jus vocando**
Do chamamento a juízo
- II De judiciis**
Das instâncias judiciárias
- III De aere confesso rebusque jure judicatis**
Da execução em caso de confissão ou de condenação
- IV De jure patrio**
Do pátrio poder
- V De haereditibus et tutelis**
Da tutela hereditária
- VI De dominio et possessione**
Da propriedade e da posse
- VII De jure aedium et agrorum**
Do direito relativo aos edifícios e às terras
- VIII De delictis**
Dos delitos
- IX Do Direito Público**
- X De jure sacro**
Do direito sagrado
- XI Complementar**
- XII Complementar**

com o uso do latim nas missas. Para ele, na celebração católica, o idioma acobertaria “um mistério que amplia a distância entre a fé e o religioso; do mesmo modo, entre o cidadão e a lei. Ou seja, o uso da linguagem rebuscada, incompreensível para a maioria, seria também uma maneira de demonstração de poder e de manutenção do monopólio do conhecimento”.

Assassinato linguístico

MARIA HELENA DE MOURA NEVES

Há várias maneiras de discutir o conceito de língua morta. Existem as línguas que “morrem” porque nunca foram de grandes comunidades e acabam circunscritas a um número tão diminuto de falantes que naturalmente chegam à extinção. Existem aquelas, porém, que foram línguas de dominação, e, implicadamente, foram línguas de cultura, em relação às quais o processo que leva ao conceito de “morta”, mesmo que seja aceito, dificilmente envolve extinção. Lembrem-se, no Oriente, o sânscrito e o grego, e, no Ocidente, o latim, línguas que aí estão em obras que são lidas, comentadas, discutidas e apreciadas, que aí estão em ritos consagrados, e que, afinal, aí estão, modificadas, nas suas descendentes (o caso, por exemplo, das nossas línguas neolatinas, ou neolatinas).

A primeira discussão vai exatamente nesse sentido: aceita-se a classificação de “mortas” para estas últimas línguas tanto quanto para as línguas extintas, que se contam aos milhares?

Todo conceito tem de ser discutido no universo em que ele se insere, o que envolve um eixo de similaridade em que ele seja colocado para um contraste. Assim, se, em princípio, o eixo envolvido nesta discussão opõe tradicionalmente língua morta a língua viva. Em princípio, parece

não caber dúvida de que língua viva é uma língua que está em uso, e que, a partir daí, até para poder responder às necessidades dos usuários, abriga variações e é sujeita a mudanças com o devir do tempo. Se assim é, sânscrito, grego e latim não são línguas vivas, e, na verdade, o argumento de que o latim, por exemplo, está “vivo” no português, no italiano, no espanhol, no francês, etc. tem poesia mas não tem respaldo.

Por outro lado, pode-se argumentar que cada uma dessas línguas está viva no uso que dela fazem determinados usuários: de um lado, por exemplo, leitores e estudiosos de Homero ou de Ovídio, de outro lado, por exemplo, comunidades religiosas, e para ilustrar aí está o latim no Vaticano, ou em ritos católicos, assim como estão, por exemplo, o copta e o aramaico em ritos de países orientais. Na verdade, de um ponto de vista científico, nada disso é “uso” linguístico, tópico que desenvolvo adiante.

Outra questão pertinente na discussão é o fato de que tais línguas não estão historicamente inseridas, e lhes falta, pois, pelo menos um dos três componentes que Coseriu (1992) nos ensina a considerar, quando ele explicita a natureza da linguagem. Como ensina Coseriu, o homem “fala” (usa a linguagem) por estas razões determinantes: porque ele tem a

competência linguística, ou seja, a capacidade natural de produzir linguagem (“pode falar” uma língua); porque ele tem o conhecimento de uma língua particular historicamente inserida (“sabe falar” uma língua); porque ele tem uma situação de uso, ou seja, um evento comunicativo (“produz” discurso em uma língua).

Na verdade, do latim temos de dizer que não somente lhe falta o estatuto de língua oficial de uma nação. Falta-lhe o estatuto de língua cuja ativação se opere em um contexto de inserção natural de falantes pactuantes de uma atividade linguística exercida em contexto de inserção histórica comum.

Entretanto, temos de convir que o rótulo “morta” para o latim é extremamente infeliz. O latim não é uma língua suscetível a mudanças, mas também não é uma língua enterrada e sepultada junto com falantes derradeiros que com ela sucumbiram no esquecimento.

Opto, pois, por uma proposta de que o eixo a ser estabelecido é língua viva versus língua extinta, o que leva à paradoxal conclusão de que, no caso, morta não é o antônimo de viva. Se me permite!

MARIA HELENA DE MOURA NEVES É PROFESSORA DE LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE E DA UNESP

Mutações da líng

As semelhanças lexicais não permitem disfarçar que a língua portuguesa é fruto das transformações e influências sofridas pelo latim durante séculos

POR MARIANA HILGERT

É impossível afirmar quando foi que o latim deixou de ser latim para se tornar português, francês, italiano, espanhol e todas as suas demais línguas filhas. O processo de mudança demorou séculos e só ocorreu porque mudaram, também, os povos vizinhos, os conquistadores, as necessidades etc. Uma coisa, porém, é certa: o latim evoluiu e deixou uma carga hereditária de vocábulos em cada um de seus descendentes.

Cerca de 80% do léxico usado pelos falantes de língua portuguesa vem do latim. Muito desse total é fruto de um período em que o idioma era falado pelos agricultores da região do Lácio – situada na parte central da atual Itália –, por volta do século VIII a.C. Mas as palavras dessa época não ficaram restritas ao meio rural (veja *box*). Algumas perderam seu sentido original – que, hoje, passa despercebido – e tomaram outros rumos.

O português também carrega, no seu léxico, marcas do grego, trazidas através do latim. Quando os romanos invadiram a Grécia,

em 146 a.C., a cultura desse país teve livre entrada no território conquistador. Muitas influências vieram dos escritores gregos e sua literatura. Mas a maior parte dos vocábulos agregados ao latim remete ao cotidiano do povo, como: *aer* (ar), *amphora* (ânfora), *spathula* (colher), *gubernare* (dirigir um navio), *oliva* (azeitona), *oleum* (óleo), *punire* (punir) etc. As vogais e consoantes latinas foram outro resquício do grego, cujo próprio alfabeto já havia sido transformado com base naquele usado pelos fenícios.

Assim como os gregos, o povo etrusco, que povoava a região norte da Itália, também emprestou palavras ao latim. *Cisterna*, *lanterna*, *catena* (corrente), *persona* (máscara de teatro; mais tarde, pessoa) e *servus* (servo) são algumas das influências mais visíveis. O gaulês, de origem céltica, fez outros acréscimos, como em *carrus* (carroça de quatro rodas), *beccus* (bico), *cambiare* (trocar) etc.

Todo esse léxico mesclado era levado pelos soldados romanos durante suas incursões pelo Império. A província da Lusitania, região onde nasceu Portugal, não resistiu ao idioma dos invasores, e foi somando as novas palavras ao vocabulário que já possuía. As transformações lexicais foram inevitáveis, já que do século II a.C., quando foi conquistado, até o século VIII, o território português sofreu invasões germânicas e, durante 500 anos, foi também ocupado pelos árabes.

Uma das formas através da qual a mudança foi sentida foram

as evoluções fonéticas, a partir do século IX. As letras *ele* e *ene*, por exemplo, caíram em desuso em certas palavras latinas: *diabolu* (diabo), *dolor* (dor), *luna* (lua), *tenere* (ter), *volare* (voar). Tal transformação caracterizou o português, diferenciando-o do latim e de outras línguas românicas – em espanhol e francês, as consoantes permaneceram nos mesmos vocábulos.

A evolução de sons continuou diferenciando a língua portuguesa das demais. As formas de *pl*, *cl* e *fl*, em palavras latinas, assumiram uma nova roupagem: o *ch*. Os exemplos são vários: *pluvia* (chuva), *clamare* (chamar), *clavem* (chave), *plorare* (chorar), *plenus* (cheio), *flamma* (chama) etc. A forma originalmente latina também existe no português, indicando sinônimos, como em *pluvial*, *clamar* e *plenitude*.

Muitas palavras da forma clássica do latim perderam lugar para as mais populares, embora tenham sobrevivido em certos vocábulos. *Mar*, por exemplo, era chamado de *aequor*, na versão mais culta, ou *mare*, na mais comum. O primeiro modelo foi esquecido, como mostra a semelhança dos vocábulos. Mas aquático, por exemplo, resistiu. Outro caso é o do animal cavalo, dito *equus* e *caballus*. Predominou, no nosso vocabulário, a segunda forma, mais popular. Mas referente à primeira, tem-se equitação, que guarda a história no seu étimo.

O vocábulo *étimo*, por sua vez, não veio do latim. Foi mais um empréstimo do grego (*étimus*, verda-

ngua

deiro) que resistiu aos séculos e às influências culturais. No português, ela é normalmente associada ao sufixo – também grego – *logia* (estudo), dando origem à etimologia, ciência responsável por pesquisar a histórias das palavras.

Aos etimólogos cabe a descoberta da língua. Foram eles que desvendaram as transformações fonéticas e a identificação das formas culta e popular do latim. Eles descobriram, também, que palavras distintas (como desenhar, designar e design) podem ter o mesmo étimo (*designare*); que, se terminadas em *-us* no latim, as palavras ficam com o fim em *-o* (*romanus* – romano) no português; se terminam em *-bilis*, viram *-vel* (*perceptibilis* – perceptível); se acabam em *-tas*, viram *-dade* (*caritas* – caridade); se em *-ens*, passam a finalizar com *-nte* (*gens* – gente).

Saber de onde viriam as palavras instigou Isidoro de Sevilha, bispo da cidade espanhola e responsável por descobertas na área durante a Idade Média. Ele foi o autor de *Etymologiae*, conjunto de 20 livros, cada um representando uma área e as etimologias das palavras pertencentes a cada uma delas.

Muitas dessas descobertas não tinham um embasamento científico – eram

hipóteses fantasiosas, problema que acompanha os etimólogos até hoje.

Direto do campo

EM LATIM	PRIMEIRO SENTIDO	EM PORTUGUÊS
<i>Cernere</i> (verbo)	peneirar	distinguir
<i>Legere</i> (verbo)	colher > <i>legere oculis</i> > colher com os olhos	ler
<i>Putare</i> (verbo)	podar	contar
<i>Delirare</i> (verbo)	sair do sulco (do arado)	delirar
<i>Rivalis</i> (adjetivo)	Quem tinha direito ao mesmo <i>rivus</i> , ou curso de água	rival
<i>Pauper</i> (adjetivo)	Referente aos produtos que forneciam pouco	pobre
<i>Felix</i> (adjetivo/antônimo de <i>pauper</i>)	Referente àquele que produz (fértil); favorecido dos deuses	feliz
<i>Luxus</i> (adjetivo)	Em excesso na colheita; teve sempre sentido pejorativo no latim	luxo
<i>Pagina</i> (substantivo)	Fileira de vinha que formava um retângulo > página do papiro > página com uma coluna por folha	página
<i>Versus</i> (substantivo)	A virada do arado no fim do campo > linha de escrita que se repete como os sulcos no campo > verso poético	verso

Fonte: *A aventura das línguas no ocidente*, de Henriette Walter - Ed. Mandarim, 1997



Onde está o latim?

Camuflado em meio à língua portuguesa e escondido entre palavras e expressões, o latim é imperceptível para quem não o conhece. Mas encontrá-lo perdido por aí não é tarefa difícil – só exige um pouco de atenção e curiosidade

POR MARIANA HILGERT

INFOGRAFISTA: ÍTALO MENDONÇA

ILUSTRADOR: EDISON PATTO

I.N.R.I.

Fixada na cruz de Cristo, a expressão está em latim: **Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum**. No latim, não havia a consoante "j". Em português, foi traduzida por Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.

Ônibus

Veio da expressão latina **omnibus**, que quer dizer "para todos".

Armário

Do latim, **armarium**, que, a princípio, era o local onde se guardavam armas. Mais tarde, passou a ter o sentido atual, de guarda-roupa e prateleira.

Homo Sapiens

Expressão que significa "homem que sabe". Desde 1758, quando foi mencionada pela primeira vez, a expressão é usada cientificamente, para denominar o ser humano.

Moeda

Na Roma antiga, as moedas eram fabricadas ao lado do templo da deusa Juno. Certa vez, os gansos que ficavam ao redor de seu templo teriam avisado, com seus grasnados, aos romanos, acerca de uma invasão dos gauleses. Como **monere**, em latim, é advertir, um dos epítetos de Juno passou a ser Moneta. Em sua homenagem, as moedas começaram a ser assim chamadas, originando também a palavra money, no inglês.

PS.

Abreviação de **Post Scriptum**, que significa, literalmente, "escrito depois". É usada ao final de cartas ou documentos para acrescentar uma informação.

ETC.

Abreviação de **et cetera**, que quer dizer "e as demais coisas".

Lápis

No latim, **lapis** significa "pedra". Do italiano, teria agregado o sentido de uma ferramenta que possui uma pedra com cor, o grafite.

Officiae. Et ea ca
poruptas idistio
tur reped que v
comni autem r
fuga. Eheni on
quatia vid qui
lupta spic
fugia qui q
PS:

Quarto

Ainda na época da antiga Roma, indicava o quarto (originalmente, **quartu**) da casa – no sentido numérico de ¼ – onde se dormia. Os outros três aposentos eram a cozinha e duas salas: a de visita e a de refeição. Banheiro, só o público.



Aedes aegypti

O popular mosquito da dengue tem a origem do seu nome no grego e no latim. A palavra grega **Aedes** significa "odioso", enquanto **aegypti**, do latim, quer dizer "do Egito".

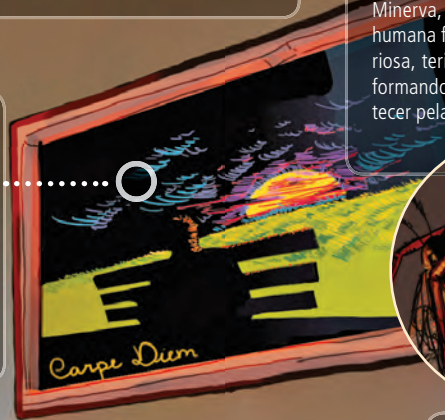
Aranha

A palavra em latim **arana**, que deu origem à "aranha", vem, na realidade, do grego **arákne**. Esse vocábulo, por sua vez, tem origem na mitologia grega. Aracne era uma bordadeira que, com a sua arte, teria desafiado a deusa Atená (correspondente a Minerva, para os romanos). Tendo uma reles humana feito trabalho tão belo, a deusa, furiosa, teria suspenso a moça no ar, transformando-a numa aranha e condenando-a a tecer pela eternidade.



Carpe Diem

Aparece no poema homônimo do poeta romano Horácio, escrito no século I a.C.. A tradução ainda gera discussão, mas, em português, sua versão mais comum é "aproveite o dia".



A.M. / P.M.

Trazidas pelo inglês, as expressões estão em latim, indicando o período anterior ao meio-dia (**ante meridiem**) e posterior (**post meridiem**).

Curriculum Vitae

Literalmente, **curriculum** quer dizer "corrida ou lugar onde se corre", enquanto **vitae** significa "da vida". Dessa soma, vem o sentido atual da expressão, que indica o conjunto de ações, estudos e trabalhos de uma pessoa durante sua vida.

FAX

Fax veio do inglês, mas é, na realidade, uma abreviação da expressão **fac simile**, que quer dizer "faça de maneira semelhante".

Lente

Nos primórdios, a palavra significava "lentilha". Com o tempo, mudou de sentido e, devido à sua forma, foi associada à lente dos óculos.

Óculos

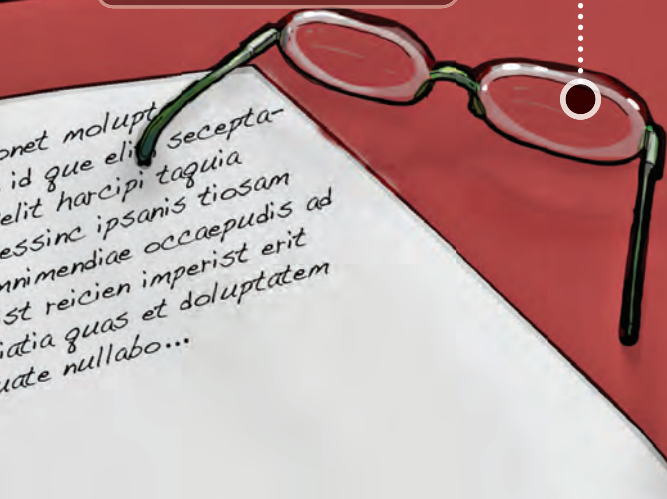
Veio de **oculu**, que originou olho e óculo, instrumento como uma luneta, que auxilia na visão. Óculos é, apenas, o plural, que deve sempre concordar em número com o pronome: os meus óculos e, não, o meu óculos.

Álbum

A tábuas branca sobre a qual fixavam normas e atos do governo romano era chamada de **album**. O motivo era, justamente, a sua cor – em latim, album também significa "branco". Com o tempo, a palavra mudou seu sentido: foi nome de catálogo de santos, de livro no qual eram escritas ideias, passando a designar, atualmente, um conjunto de elementos, seja de música, de fotos etc.

Aquário

A princípio, servia para designar um tanque de água – palavra proveniente do latim **aqua**. Apenas no século XIX é que o sentido dele passou a se relacionar a peixes.



pret molupt
id que elit secepta
elit harcipi taquia
essine ipsanis tiosam
nimendiae occaepudis ad
st reicien imperist erit
tatia quas et doluptatem
ate nullabo...

Noções básicas da gramática latina

POR MARIANA HILGERT

Para iniciantes

Como no português, as palavras no latim podem ser invariáveis ou variáveis. Ao primeiro grupo pertencem as conjunções, interjeições, preposições e a maioria dos advérbios. Do segundo, fazem parte os verbos e os no-

mes (adjetivos, numerais, pronomes e substantivos). As peculiaridades da língua começam pela forma que essas palavras podem assumir dentro de um texto.

No latim, os nomes declinam. Isso quer dizer que

Dum (conjunção): enquanto
Elementos invariáveis, as conjunções servem para ligar palavras e orações. Dum é um exemplo de conjunção subordinativa temporal, responsável por conectar as frases separadas – neste verso – pela primeira vírgula, atribuindo um sentido de simultaneidade aos eventos.

Fugerit (3ª conjugação/ 3ª pessoa do singular / pretérito do futuro): terá fugido.

Loquimur (verbo depoente/1ª pessoa do plural/ presente do indicativo): falamos
Os verbos depoentes têm uma roupagem de voz passiva, mas exprimem um sentido de ativa. No Português, podem ser comparados com estruturas do tipo: é um homem viajado, em que a voz passiva tem sentido de ativa.

Carpe (3ª conjugação/ Imperativo afirmativo / verbo transitivo direto / 2ª pessoa do singular): aproveita.
A 3ª conjugação – flexão referente aos verbos – não tem uma vogal temática, mas possui vogais de ligação variáveis, responsáveis por conectar o tema à desinência - terminação que indica número, tempo e pessoa do verbo. Carpe está conjugado na forma do imperativo afirmativo. Se estivesse na 2ª pessoa do indicativo presente, seria carpis, sendo o *i*, uma vogal de ligação.

Inuida (adjetivo feminino triforme (uma para cada gênero: inuidus, a, um)/ singular /nominativo): invejoso
Os adjetivos qualificam os substantivos e devem concordar com eles em gênero, número e caso. Nesse caso, inuida concorda com aetas, substantivo a que se refere: feminino, singular, nominativo.

CARPE DIEM

Ode (I, XI) Horácio, séc. I

Tu ne quaesieris, scire nefas,
quem mihi, quem tibi
Finem di dederint, Leuconoe,
nec Babylonios
Tentaris numeros. Ut melius
quidquid erit pati!
Seu plures hiemes, seu tribuit
Jupiter ultimam,
Quae nunc oppositis debilitat
pumicibus mare
Tyrrhenum, sapias, vina liques
et spatio brevi
Spem longam reseces.

Dum loquimur, fugerit inuida
Aetas: carpe diem, quam
minimum credula postero.

eles podem tomar formas diferentes conforme a função sintática que exercem – por isso que a posição deles na frase não faz diferença. Existem, no total, seis formas diferentes, todas possuindo correspondentes no português. Cada uma delas é chamada de caso. Além da função, gênero (masculino, feminino e neutro) e número (plural e singular) também fazem com que os vocábulos se modifiquem.

Todas essas características são armazenadas numa terminação específica ao fim da palavra. Por conseguir resumir tanta informação em tão pouco espaço, a língua latina é sintética - diferentemente do português, um idioma analítico. Por isso que, em latim, é possível se dizer *multa paucis*: muitas coisas em poucas palavras.

Abaixo, observe a análise sintática feita a partir do último trecho do texto de Horácio, *Carpe Diem*.

APROVEITA O DIA

Tradução de Mauri Furlan

Tu não procures, conhecer não
deves, o fim que a mim,
a ti concederam os deuses,
ó Leucone, nem experimentes os
números babilônicos.
Melhor sofrer o que quer que seja!
Seja muitos invernos, seja o último
que Júpiter concedeu, e que
agora o mar Tirreno quebra con-
tra os rochedos, sejas sábia,
filtres os vinhos,
e pelo curto espaço de tempo
suprimas qualquer
longa esperança.
Enquanto falamos, o tempo
invejoso foge: aproveita o dia,
muito pouco crédula no que virá.

Minimum – é o superlativo no gênero neutro do adjetivo *parvus*, a, um. O superlativo latino pode ser reforcado, entre outros modos, pelo advérbio *quam*: *quam minimum* - muito pouco.

Quam (advérbio): quão

Credula (adjetivo/ feminino/ singular/ nominativo de *credulus*, a, um): crédula, fácil de acreditar

Diem (5ª declinação/ acusativo/ singular masculino): dia
A 5ª declinação possui o menor número de palavras, sendo a maior parte delas feminina. *Dies* é um caso especial, pois pode significar ambos os gêneros. O que irá diferenciar é o sentido da palavra no texto – se indicar dia marcado será feminino; caso contrário, masculino. O genitivo será marcado pela terminação *-ei*, sendo o e, sua vogal temática. No dicionário, é encontrado como *dies, ei*.

Postero (ablativo/ singular/ masculino, por referência a *diem*/ adjetivo de *posterus*, a, um): que vem depois, posterior, seguinte.

Aetas (3ª declinação/ nominativo/ singular / feminino): tempo
A 3ª declinação é a mais complexa e irregular. Em comum, seus substantivos possuem a terminação *is* do genitivo. Cada declinação possui uma vogal temática que, ligada ao radical da palavra, dará origem ao tema da palavra. Mas a 3ª é conhecida como consonantal – seus vocábulos não possuem vogal temática, com exceção de um pequeno grupo de vogal *i*. Para saber a qual declinação pertence uma palavra, é preciso descobrir sua forma no genitivo. Por isso que, no dicionário, ela aparece assim: *aetas, atis* (forma no nominativo, seguido de seu genitivo).

Em busca do vocábulo perdido

Achar qualquer palavra num dicionário latino - português exige, mais do que curiosidade, um bom conhecimento de gramática das duas línguas

POR MARIANA HILGERT

Os registros escritos e as obras literárias de autores originalmente latinos são a única fonte de informação sobre a estrutura da língua dos antigos romanos. Para compreender tais textos, o dicionário bilíngue é uma ferramenta imprescindível, tanto para tradutores profissionais, quanto para estudantes iniciantes. O problema é quando ele se torna, em vez de solução, um obstáculo.

Com o intuito de diagnosticar as maiores dificuldades que os dicionários criam para alunos iniciantes da língua, Giovanna Longo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp-Araquara) defendeu, em 2006, a dissertação *Ensino de latim – problemas linguísticos e uso do dicionário*. Segundo a pesquisadora, a questão da língua clássica é bastante peculiar: “Para quem está diante de um dicionário de uma língua antiga como latim (...), todas as informações que visam à produção de discursos na língua, geralmente fornecidas pelos dicionários bilíngues, não têm a mesma relevância que no dicionário de um idioma moderno”, explica.

A maior diferença se deve ao fato de o latim ser uma língua flexional e, também, por ter sido usada há mais de 2 mil anos. “Uma descrição linguística do idioma passa a exigir, desse tipo de obra [os dicionários], soluções que de algum modo permitam reduzir as distâncias estabelecidas pelas diferenças linguísticas e culturais existentes entre essa língua antiga e os idiomas modernos”, explica Longo. Mas não é bem isso o que acontece.

Como todos os dicionários disponíveis hoje foram elaborados de forma padrão, todos eles apresentam

dificuldades comuns. “As soluções encontradas pelos dicionaristas de tradição impõem inúmeras barreiras à consulta, dificultando desde a localização do verbete, até a compreensão do significado do item”. Manejar bem o dicionário é, por isso, premissa para compreender um texto em latim. Ou chegar perto disso.

A saga para encontrar um vocábulo no dicionário Latim-Português começa pela identificação da palavra. Ainda usando o poema de Horácio, peguemos o substantivo *diem* para dar início à procura no *Dicionário escolar latino português* (6ª edição – 1992), de Ernesto Faria.



Primeiro passo

Se procurarmos pela palavra *diem* (abaixo) no dicionário, não a encontraremos, o que denuncia a sua forma declinada. Para descobriremos a qual declinação ela pertence, é preciso verificar a sua função sintática. Como complemento direto do verbo *carpe* (página seguinte), que quer dizer aproveitar, conjugado na segunda pessoa do singular, do imperativo afirmativo, ela será um objeto direto, correspondendo, no latim, ao caso acusativo. Com base na tabela de declinações, vemos que duas declinações têm terminação -em no seu acusativo: a 3ª e a 5ª.

Observação: Longo acredita que "a baixa probabilidade de correspondência entre a variante encontrada no texto, que motiva a busca, e aquela pela qual há de ser procurada, é o grande obstáculo que se impõe à consulta". Para a pesquisadora, a superação dessa barreira está ligada ao processo de aprendizado, demandando tempo.

Segundo passo

No dicionário, um substantivo sempre vai estar na sua forma de nominativo, seguido da terminação de genitivo. No caso de *diem*, não é possível dizer qual seria a forma de nominativo, se ele for de 3ª declinação, pois há variações. Caso seja de 5ª, terá a forma *dies*. Observe a tabela na página seguinte.

Observação: Para falantes de línguas neolatinas, a identificação do nominativo é mais fácil em virtude da semelhança que há entre os vocábulos dos idiomas. Como lembra a pesquisadora, "é no léxico que se reflete, de maneira mais expressiva, a história externa de uma língua, isto é, a história de seus contatos culturais".

No dicionário, os nomes apresentam duas formas:
1. *dies* = nominativo
2. *diei* = genitivo
(*ei* é a marca do genitivo)

1. **dies, -ei**, subs. m. e f. (no pl. quase sempre m.). I — Sent. próprio: 1) Dia (em oposição à noite, espaço de tempo desde o nascer até ao pôr do sol) (T. Lív. 22, 1, 20); (Ov. Met. 13, 677). 2) Dia (espaço de 24 horas, de meia-noite a meia-noite) (Cés. B. Gal. 1, 16, 4). II — Daí: 3) Dia (unidade de tempo), ocasião, data fixada (Cés. B. Gal. 1, 42, 3). 4) Duração, sucessão do tempo, tempo, demora (Cés. B. Gal. 1, 7, 6). 5) Dia (do nascimento, morte, etc.) (Cíc. At. 13, 42, 2). 6) Dia de caminho, jornada (T. Lív. 38, 59, 6). 7) Dia, acontecimento memorável (Cíc. Fam. 1, 2, 3). 8) Luz do dia, dia (Plín. H. Nat. 33, 70). 9) Clima, temperatura, ar, céu (Plín. H. Nat. 2, 115). Obs.: O gênero masculino, que é muito mais freqüente no pl., também predomina no sing. Gen. (arc.) *dies* (Lucr. 4, 1.083); *dii* (Verg. En. 1, 636); (Cíc. Rosc. 131); *die* (Verg. G. 1, 208). Dat. *die* (A. Gél. 9, 14, 21).
2. **Dies, -ei**, subs. pr. m. e f. Dia. 1) M.: o Dia (Plaut. Bac. 255). 2) F.: a mãe da primeira Vênus (Cíc. Nat. 3, 59).
- Diespiter, -Itris**, subs. pr. m. Júpiter (Hor. O. 3, 2, 29).
- diffamatus, -a, -um**, part. pass. de *diffāmo*.
- diffāmō, -ās, -āre, -āvī, -ātum**, v. tr. I — Sent. próprio: 1) Difamar, desacreditar (Tác. An. 1, 72). 2) Divulgar, propalar (Ov. Met. 4, 236).
- diffērēns, -ētis**. I — Part. pres. de *diffēro*. II — Subs. n.: diferença (Quint. 5, 10, 5).

- difficilē**, adv. (de uso raro). Dificilmente (Plín. H. Nat. 11, 62). Obs.: v. *difficilis*.
- difficilis, -e**, adj. I — Sent. próprio: Dificil, penoso, custoso (Cíc. Of. 1, 1). II — Sent. figurado: 2) Inatrável, pouco acessível, severo (Ov. P. 2, 2, 20).
- difficiliter**, adv. Dificilmente (Cíc. A. 4, 32); sup. 116).
- diffidens, -ētis**, part. pres. adjetivo desconfiante (Suet. Claud. 35).
- diffidēter**, adv. Com desconfiança, timidez, timidamente (Cíc. Clu. 1).
- diffinfla, -ae**, subs. f. Desconfiança, falta de confiança (Cíc. Inv. 2, 165).
- diffidi**, perf. de *diffindo*.
- diffidō, -is, -ēre, -fidī, -fissum**, v. tr. intr. I — Sent. próprio: 1) Não se em, desconfiar, não confiar em (Cíc. Clu. 63). II — Sent. figurado: 2) Perder toda a esperança, desesperar (Cíc. Div. 1, 53). Obs.: Constrói-se geralmente com dat.: com inf.; raramente com abl., e intransitivamente.
- diffindō, -is, -ēre, -fidī, -fissum**, v. tr. I — Sent. próprio: 1) Arrombar fendas, separar, fender, dividir, repartir (Cíc. Div. 1, 23). II — Sent. figurado: 2) Através de um julgamento, uma proposta de (diffindere diem) (T. Lív. 9, 38, 15).
- diffingō, -is, -ēre, -v. tr.** Transformar, dar, refazer (Hor. O. 1, 35, 29).
- diffinō = definō**.
- diffinitō, -ōnis, v. definitō**.
- diffissus, -a, -um**, part. pass. de *diffindo*.

STOCKXCHNG

Terceiro passo

Indo direto ao dicionário, encontraremos a palavra *dies*, *ei*. Sabemos agora, que ela pertence à 5ª declinação, pelo seu genitivo. Mas se tivéssemos uma palavra já no genitivo e quiséssemos descobrir a sua forma no nominativo, seria preciso identificar o tema da palavra.

Formado pela vogal temática, diferente para cada uma das declinações, e pelo radical, que sempre vai pertencer ao nome, o tema permite perceber que a irregularidade das palavras é só aparente, já que, por trás, há uma estrutura solidificada.

Para encontrar o tema, a palavra deve ser colocada no genitivo plural. *Dies*, por exemplo, viraria *dierum*. A partir disso, se retira a desinência do caso e da declinação (-rum = genitivo da 5ª). Temos, assim, *die* (radical di + vogal temática e), base da palavra que, independente da forma que essa tomar, estará sempre presente.

Observação: Quando se vai em busca de outras formas que não o nominativo, pode ocorrer uma confusão por causa dos cortes da palavra. No caso de *dies*, *-ei*, um estudante iniciante poderá pensar que a forma de genitivo é *diese*. Com os verbos, a confusão também pode ocorrer. No dicionário, eles são sempre apresentados na forma de primeira pessoa do singular, mas, na tradução, o sinônimo é dado a partir do infinitivo, como no caso do verbo *diffamo*, encontrado no dicionário logo abaixo de *dies*.

Quarto passo

Depois de encontrar a palavra, é preciso entender o seu significado dentro do contexto. O maior problema com relação à palavra *diem* diz respeito ao gênero, que pode ser masculino ou feminino, conforme o sentido da frase. Mas, para a tradução, o dicionário apresenta sinônimos semelhantes, o que não dificulta muito a compreensão.

Observação: No caso do verbo *carpo*, a situação é outra. Mauri Furlan, tradutor do poema acima, optou pelo sentido de aproveitar. Embora questionado, Furlan justifica sua escolha. "Traduzir é interpretar. Se você for traduzir literalmente, você vai produzir um texto incompreensível".

Realmente, se a palavra for versada para o português a partir de algum dos significados apresentados pelo dicionário, a frase ficaria sem sentido. Afinal, entre colher, arrancar, consumir e censurar – algumas das opções dadas – há muita diferença. Por essa razão, Longo questiona: "Como é possível, através da leitura do texto, garantir um melhor entendimento daquela civilização antiga, se o que se encontra no dicionário é uma lista numerosa de sinônimos que parece em nada se comprometerem com a cultura do povo cujas experiências foram expressas através da língua?".

substantivo masculino. Carpetanos, povo da Itália (T. Lív. 21, 5, 7).
Carpetânia, -ae, substantivo feminino. Carpetânia, território dos carpetanos (T. Lív. 39, 30, 1).

carpō, -is, -ēre, **carpsi**, **carptum**, v. tr. I — Sent. próprio: 1) Colher, arrancar (Verg. G. 2, 89/90). II — Na língua dos tecelões: carmeiar, desenredar a lã (Verg. G. 4, 334/335). 2) Daí: desfiar, rasgar, separar (sent. físico e moral), cortar, recortar (Cíc. De Or. 3, 190). Na língua comum: 3) Colher, gozar, recolher (Hor. O. 1, 11, 8). III — Empregos especiais: 4) Consumir, enfraquecer, atormentar (Cés. B. Civ. 1, 78, 5). 5) Censurar, atacar (Cíc. Q. Fr. 2, 3, 2). Na língua militar: 6) Cansar o inimigo por ataques repetidos, perseguir (Cés. B. Civ. 1, 78, 5).

carpsi, perf. de **carpo**.

adv. Colhendo daqui e dali, por grupos (Sal. C. Cat. 4, 2); (Cíc. T. Lív. 4, 46).

substantivo masculino. Trinchador (escravo da carne) (Juv. 9, 109).

-um, part. pass. de **carpo**.

substantivo masculino. Carpo, nome de cidade (Petr. 36, 8).

substantivo feminino. Carras, cidade da Itália (V. Máx. 1, 6, 11).

Carrinas, -ātis, substantivo masculino. Carrinas, nome de um retor (Juv. 7, 205).

carrūca (carrucha), -ae, substantivo feminino. Carro (de origem gaulesa) (Marc. 3, 62, 5).

carrus, -i, substantivo masculino. Carro (de quatro rodas), carroça (Cés. B. Gal. 1, 26, 3).

Carseolānus, -a, -um, adj. De Carséolos,

carūca, v. **carrūca**.

cardi, perf. de **carēo**.

carunculā, -ae, substantivo feminino. Bocadinho de carne (Cíc. Div. 2, 52).

1. **cārus**, -a, -um, adj. 1) Querido, caro, estimado (Cíc. Fam. 1, 7, 1). 2) Caro, de a gosto (Cíc. Div. 2, 593).
 Obs.: **carus**, caro, caro (Cíc. Div. 2, 593);
 sup. **carissus**, caríssimo, caríssimo.

2. **car**, adv. Colhendo daqui e dali, por grupos (Sal. C. Cat. 4, 2); (Cíc. T. Lív. 4, 46).

carpsi, perf. de **carpo**.

carpsi, perf. de **carpo**.

carpsi, perf. de **carpo**.

carpsi, perf. de **carpo**.

Carýae, -ārum, substantivo feminino. Cariátidas, cidade da Lacônia (T. Lív. 34, 36, 9).

Carýatides, -um, substantivo feminino. Cariátidas. 1) Sacerdotisas de Diana, no povoado de Cárias (Plín. H. Nat. 36, 38). 2) Cariátidas, estátuas de mulher que em arquitetura servem de colunas (Vitr. 1, 1, 5).

Carýbdis, v. **Charýbdis**.

caryōta, -ae (**caryōtis**, -idis), substantivo feminino. Tâmara (Marc. 11, 31, 10).

Carystus (-eus), -a, -um, adj. De Caristo (Ov. F. 4, 282).

Carýstus, -i, substantivo feminino. Caristo. 1) Cidade da Eubéia (T. Lív. 32, 16). 2) Cidade da Ligúria (T. Lív. 42, 7, 3).

casa, -ae, substantivo feminino. I — Sent. próprio: 1) Cabana, choupana (Verg. Buc. 2, 29). 2) Tenda, barraca (de soldados) (Cés. B. Gal. 5, 43, 1).

Casca, -ae, substantivo masculino. Casca, sobrenome da "gens" Servília (Cíc. At. 13, 44, 3).

Cascellus, -i, substantivo masculino. Aulo Cascélio,

nome de um senador romano (Cíc. Div. 2, 593).

O dicionário apresenta, também, sinais diacríticos: braquia (˘), indicando uma vogal breve; macron (¯), indicando uma vogal longa (dois tempos de uma breve)

Gramática de bolso

O latim exige daquele que o estuda muita atenção às regras gramaticais. Por isso, selecionamos e resumimos alguns dos seus elementos mais importantes numa só página. Recorte-a e leve-a com você

POR MARIANA HILGERT

Para identificar

- Ausência de artigos
- Três gêneros: masculino, feminino e neutro.
- Numa frase, as palavras podem mudar de posição, já que o sentido se dá por causa das terminações e não pela função dos vocábulos, como no português.
- As palavras podem tomar formas diferentes. O conjunto dessas variações é chamado de declinação.
- O latim tem cinco declinações.
- Cada declinação possui seis casos, com correspondências no português: nominativo (sujeito) acusativo (objeto direto), genitivo (complemento nominal), dativo (objeto indireto), ablativo (complemento verbal) e vocativo (chamamento).

Fonte (Box e Tabela): Mauri Furlan - Legenda Roma, Universidade Federal de Santa Catarina/2008

Para declinar

1ª declinação		
	Singular	Plural
Nominativo	-a	-ae
Genitivo	-ae	-arum
Acusativo	-am	-as
Dativo	-ae	-is (-abus)
Ablativo	-a	-is (-abus)
Vocativo	-a	- ae
2ª declinação		
Nominativo	-us, -er, -ir/ -um	-i/ -a
Genitivo	-i	-orum
Acusativo	-um	-os/ -a
Dativo	-o	-is
Ablativo	-o	-is
Vocativo	-e, -er, -ir/ -um	-i/ -a
3ª declinação		
Nominativo	variável	-es (-is) -a (-ia)
Genitivo	-is	-um (ium)
Acusativo	-em (-im)/ variável	- es (is)/ a (-ia)
Dativo	-i	-ibus
Ablativo	-e (-i)	-ibus
Vocativo	variável	-es (-is)/ -a (-ia)
4ª declinação		
Nominativo	-us/ -u	-us/ -ua
Genitivo	-us	-uum
Acusativo	-um/ -u	-us/ -ua
Dativo	-ui/ -u	-ibus (-ubus)
Ablativo	-u	-ibus (-ubus)
Vocativo	-us/ -u	-us/ ua
5ª declinação		
Nominativo	-es	-es
Genitivo	-ei	-erum
Acusativo	-em	-es
Dativo	-ei	-ebus
Ablativo	-e	-ebus
Vocativo	-es	-es

Gramática de bolso

DOBRE AQUI

UM PRESENTE DE

LINGUA

portuguesa

ESPECIAL LATIM

DOBRE AQUI



O latim e suas filhas

JOSÉ LUIZ FIORIN

As línguas românicas ou neolatinas são dez: português, espanhol, catalão, francês, provençal, sardo, reto-românico, italiano, dalmático (hoje já extinto) e romeno. Os idiomas românicos representam uma etapa qualitativamente nova do latim. As transformações que levaram ao aparecimento das línguas neolatinas se deram paulatinamente.

O latim pertence à grande família das línguas indo-europeias. As conquistas romanas, ao longo de três séculos, converteram a língua de Roma em língua oficial de um vasto império. No entanto, o domínio militar não se confunde necessariamente com a romanização linguística, que só ocorreu com a implantação do latim dos centros urbanos às localidades rurais.

Ao exército seguiam mercadores, funcionários, colonizadores. Todos falavam latim e impunham-no às populações dominadas: as transações econômicas e os atos da administração se faziam em latim, jovens eram incorporados às legiões romanas e lá se valiam do latim para a comunicação... O latim que falavam, no entanto, não era o latim clássico, língua da literatura, do senado, da escola, da administração, etc., mas o latim vulgar,

conjunto de variedades populares, utilizadas na conversação corrente, na esfera familiar. O latim vulgar, sofrendo menos pressões homogeneizadoras, era mais suscetível de inovações. Todas as línguas variam de região para região, de grupo social para grupo social, de geração para geração e, por isso, todas mudam. Além disso, houve a ação do substrato sobre o latim, ou seja, das línguas das populações que adotavam o latim, assim como acontece, quando aprendemos uma nova língua e a língua que usamos habitualmente interfere na língua que adquirimos mais tarde.

A evolução interna do latim vulgar e a ação do substrato foram agindo no sentido de uma dialetação (criação de variedades regionais) da língua de Roma. No entanto, enquanto se conservou a unidade econômica, política e administrativa do império, houve uma relativa unidade linguística. Quando se rompe a organização político-social, que culmina com a queda do império romano (em 476 no Ocidente e em 610 no Oriente), os fatores de unificação do latim vulgar se enfraquecem, e se multiplicam e se fortalecem os elementos de diversificação. Diminuem as influências exercidas pelo centro do império sobre sua periferia, organiza-se uma vida

social independente de Roma e, depois da invasão dos chamados bárbaros, criam-se reinos germânicos independentes. Quando as diferenças no latim falado nas diversas províncias se tornam significativas, estamos em presença das línguas românicas.

Quando essas línguas substituíram o latim? Não se pode precisar com exatidão, porque as mudanças linguísticas são contínuas. Sabe-se, porém, que isso deve ter ocorrido por volta dos séculos VIII e IX.

Inúmeras classificações das línguas românicas foram feitas, com base em dois critérios: as semelhanças linguísticas e a distribuição geográfica. Para classificar línguas, o melhor é o primeiro, baseado em identidades e diferenças de natureza estrutural. Por isso, parece mais acertado dispor as línguas românicas em dois grupos: o oriental (romeno, dalmático e italiano) e o ocidental (todos os demais idiomas neolatinos).

JOSÉ LUIZ FIORIN É PROFESSOR DE LINGUÍSTICA DA USP E AUTOR DO LIVRO EM BUSCA DO SENTIDO: ESTUDOS DISCURSIVOS

Presente de gregos

A literatura romana deve muito de seu estilo, história e propagação à influência da cultura helênica

POR MARIANA HILGERT

Como língua rústica que era nos primórdios de Roma, o latim, nas suas primeiras manifestações escritas, nada tinha de literário. Representado em inscrições antigas, algumas remontando ao século VI a.C., foi útil, apenas, a pesquisas filológicas e linguísticas. Somente com a conquista de Tarento (272 a.C.) – centro helênico situado ao sul da Península Itálica – pelo Império Romano, é que nasce uma literatura de nome latino, com jeito grego e precocemente desenvolvida.

A primeira obra efetivamente latina foi uma tradução – feita, ironicamente, por um grego. Vendido como escravo aos romanos, Livio Andronico traduziu o texto de Homero, *Odisseia*, para o latim, abrindo caminho para outros autores. Todos foram influenciados pela Poesia, Epopeia e pelo Drama, gêneros literários já bem desenvolvidos na terra vizinha e que serviram, nesse período ini-

cial, de inspiração e molde para as obras latinas.

Dizer que os romanos seguiram a tendência literária grega não quer dizer, para o historiador Mario Curtis Giordani, que eles a copiaram. “[Eles] não só assimilaram as obras literárias gregas, mas souberam dar-lhes um cunho próprio de um caráter nacional”, observa o autor de *História de Roma* (1979). Uma das marcas desse nacionalismo foi a sátira, classificada por Lucilius (180-103 a.C.), seu criador, como um gênero original e capaz de se adaptar a uma diversidade de assuntos.

Nas cerca de 30 obras que produziu, o autor imprimiu sua vontade de criticar e ridicularizar a sociedade, as coisas e as pessoas da época – temática inexistente entre as produções, até então.

Mas antes mesmo do nascimento de Lucilius, outros autores já tentavam marcar suas obras com as peculiaridades do povo latino. Autor de comédias teatrais, Plauto (250? – 184? a.C.) foi um deles. Apesar de sempre ambientar suas histórias e temáticas em cenários gregos, ele insere divindades latinas nos seus textos e mescla os nomes gregos dos personagens com características bem típicas dos romanos.

Cem textos são atribuídos ao comediógrafo, embora a vera-

cidade de alguns seja contestada. Dentre eles, *A Marmita* (em latim, *Aulularia*) é um dos mais conhecidos – não tanto pela sua história, mas pela repercussão que teve. Jean-Baptiste Poquelin, sob o pseudônimo de Molière, escreveu a obra *O Avaro* (1668) a partir daquela de Plauto. Não foi o único – no Brasil, Ariano Suassuna fez de *A Marmita*, uma inspiração para sua cômica peça *O Santo e a Porca*.

Os textos de Plauto também repercutiram nos estudos do latim por serem uma das poucas fontes da versão popular – ou vulgar, por ser falado pelo *vulgus* (povo) – do idioma. Mas a literatura latina, na sua forma preponderante, se vincula mais ao latim erudito, clássico, em que forma e estética são importantes para a construção do texto. Seu ápice se deu na época em que foram escritos os registros históricos mais significativos do Império.

Como representante desse período, Julio César (100-44 a.C.) deixou um grande legado de obras de caráter histórico. Como fruto da própria experiência que teve ao





liderar as tropas romanas durante as conquistas territoriais, César escreveu Comentários sobre a guerra da Gália, compêndio de oito livros, e Comentários sobre a guerra civil, composto por três obras.

A morte de César se deu um ano antes à de outro grande representante da época. Marcus Tullius Cicero (106-43 a.C.) ou apenas, Cícero, despontou em Roma como orador. Seus discursos eram marcados por uma linguagem excessivamente pomposa, embora sensível e com o claro ob-

jetivo de persuadir. As 56 obras que sobreviveram até hoje são referência de uma literatura latina madura e de um latim no ápice da sua pureza.

Poucos anos depois de Cícero, a literatura latina começa a rumar para um fim – apesar do surgimento de novos e renomados autores. O paganismo que influenciava as obras vai cedendo lugar ao cristianismo, os temas ficcionais se tornam cada vez mais recorrentes, e os vestígios literários ficam à espera de um novo processo de reconquista: a tradução.

Mitologia romana

Uma das maiores influências da cultura he-lênica na literatura de Roma foi a mitologia. Os mitos gregos foram “importados”, ganhando novos nomes e ingressando nas histórias e no imaginário popular.

NA GRÉCIA

EM ROMA

Afrodite Deusa da beleza	Vênus
Apolo Deus da juventude	Sol
Ares Deus da guerra	Marte
Ártemis Deusa da caça	Diana
Atena Deusa da sabedoria	Minerva
Cronos Deus do tempo	Saturno
Deméter Deusa da fertilidade	Ceres
Dionísio Deus do vinho	Baco
Eros Deus do amor	Cupido
Hades Deus do mundo dos mortos	Plutão
Hera Deusa do matrimônio e do parto	Juno
Posêidon Deus dos mares	Netuno
Zeus Pai dos deuses e mortais	Júpiter

Fonte: O livro completo da Mitologia Clássica, de Lesley Bolton - Ed. Madras, 2002

Para evitar traições

Diferente de qualquer outra língua, o latim não possui mais autores nativos vivos. Por isso, a sua tradução exige, além de conhecimento, muito cuidado

POR MARIANA HILGERT

Pouco adiantaria ter obras de Plauto e Cícero em mãos se não pudéssemos compreendê-las. E pouco se compreenderia do mundo de hoje se não fossem estas obras. É justamente esta a função do tradutor: permitir que a comunicação entre culturas e povos, mesmo que séculos de história os separem, aconteça.

A necessidade de profissionais nesta área surgiu com o Renascimento (1300-1650), período de transformações marcantes na civilização europeia, como a revalorização das línguas nacionais. O latim, apesar de ainda continuar sendo usado por alguns autores (veja box), começa a ser visto como um idioma estrangeiro e vai perdendo seu espaço.

Com o tempo, a tradução passa a ser uma tarefa que exige não só competência, mas, também, muito domínio da realidade sobre a qual se traduz, como afirma Mauri Fur-

lan, tradutor e professor de Literatura e Língua Latina da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). “Não basta o conhecimento da língua. O tradutor tem que conhecer a matéria que traduz e ter a habilidade de expressar o texto original, com arte, com legibilidade, tentando reproduzir todos os valores estéticos e de conteúdo que estão presentes”.

A grande diferença entre um tradutor de alemão, por exemplo, e um de latim, é que, enquanto o idioma germânico sofre transformações por estar vivo e em movimento, a língua dos romanos não se modifica mais. Isso também significa que não surgirão mais autores latinos com o tempo. Já se sabe o que precisa ser traduzido. O problema é saber como e quem irá fazê-lo.

Durante a 2ª Jornada de Pesquisa Literatura Traduzida, realizada em 2005, na UFSC, Luiz Henrique Queriquelli analisou o perfil dos tradutores brasileiros de latim, que, segundo ele, é bastante heterogêneo, especialmente por causa da lacuna de estudos da língua latina no país. Dentro desse grupo, os que mais se destacam são os acadêmicos e os literatos.

O berço principal do primeiro grupo é, segundo ele, a Universidade de São Paulo (USP), através do Curso de Pós-Graduação em Letras Clássicas. Desde que foi criado, no início da década de 70, o curso tem formado tradutores que continuam preenchendo as prateleiras de bibliotecas com versões em português de César, Cícero, Plínio, Plauto etc.

Uma característica dos tradutores acadêmicos é, como explica Queriquelli, “buscar ao máximo uma equivalência na linguagem das características formais e contextuais do texto na língua fonte”. Por isso, nas obras traduzidas por este tipo de tradutor, os textos são complexos e oferecem, normalmente, notas de rodapé,



comentando o porquê de certas traduções.

Além de integrar o corpo docente da Universidade de São Paulo (USP), Zélia de Almeida Cardoso é reconhecida por Queriquelli como uma profissional que se encaixa no perfil acadêmico. Tradutora de obras como *Troades (As Troianas)*, de Sêneca, Cardoso conhece bem as dificuldades daqueles que trabalham com o latim como a língua de partida. “Não é fácil, realmente, traduzir bem um texto latino, penetrar em seu sentido profundo, descobrir-lhe as nuances, compreendê-lo, enfim, e transformá-lo em outro texto, de outra língua, sem danificar suas especificidades”, observa.

As dificuldades do outro grupo, os literatos, não diferem muito daquelas enfrentadas pelos tradutores

acadêmicos. É o estilo do texto traduzido que distingue os dois grupos. Analisando a tradução da obra *Satyrikon*, de Petrônio, feita pelo dramaturgo e escritor Paulo Leminski, Queriquelli aponta as marcas de liberdade desse autor. O próprio Leminski admite, ao fim de sua obra, que “entre trair Petrônio e trair os vivos, escolhi trair os dois, único modo de não trair ninguém”.

Apesar do pouco incentivo dado à área, muito já foi feito pela tradução dos clássicos latinos no Brasil. “A gente pode ter uma postura de se orgulhar”, revela Furlan. “Mas a gente não pode se acomodar”. Para ele, o estudo do latim nas universidades ainda é uma grande porta para a formação de tradutores. “Quando o MEC elimina a obrigatoriedade, ele elimina, também, a

possibilidade da formação de tradutores”, comenta, criticando a medida do Ministério de Educação e Cultura, que deixou, às universidades, a decisão de adotar, ou não, o Latim dentro dos currículos de Letras.

No caso da UFSC, há estudantes no quinto semestre de latim – embora seja obrigatório, somente, até o terceiro. Por ver que existe um interesse, Furlan aposta no potencial dos alunos. “Eu tento estimulá-los. Eu já estou cultivando uns futuros tradutores e tenho a certeza de que algum desses vai acabar se envolvendo a ponto de traduzir. De um grupo grande que começa, acaba ficando uns poucos que vão em frente. E são esses poucos que vão acabar traduzindo, retraduzindo e melhorando as traduções”.

A tradição do latim na escrita

Muitos autores continuaram fazendo uso do latim, mesmo quando as línguas orais já eram outras. Confira

Dante Alighieri (1265-1321): escreveu, em latim, *De vulgari eloquentia*, primeiro livro a tratar do vínculo entre os idiomas românicos. *A Divina Comédia*, por sua vez, foi toda escrita em toscano.

Erasmus de Roterdã (1467-1536): assinando como Desiderius Erasmus Roterodamus, o autor redigiu toda sua obra no idioma dos antigos romanos.

Nicolau Copérnico (1473-1543): revolucionou os estudos astronômicos com a teoria do movimento duplo dos planetas sobre si e ao redor do sol. Muitas de suas criações, deixou em latim.

René Descartes (1596-1650): os primeiros livros do filósofo e matemático foram redigidos em latim.

Jean Jaurès (1859-1914): a tese do político francês, defendida na Sorbonne no fim do século XIX, foi toda em latim.

Jacques Derrida (1930-2004): ao ser recebido como *Doutor Honoris Causa* na Universidade de Oxford, o filósofo francês teve de escrever seu discurso em latim.

Fonte: A aventura das línguas no ocidente, de Henriette Walter - Ed. Mandarim, 1997



O latim conectado

Através da rede mundial de computadores, é possível perceber que o estudo e o interesse pelo latim ainda vivem

POR MARIANA HILGERT

Como língua materna de um povo que viveu há mais de dois mil anos, o latim parece inútil e fora de moda. Por que será, então, que o próprio Google, ícone de uma geração conectada, já tem sua versão latina? Acesse www.google.com/intl/la/ e clique em *Explorare Googles ope* para descobrir.

A palavra latin gera, no maior site de buscas da rede, 360 milhões de resultados. É ali, entre tópicos e links, que o latim vive. E vive tanto que levou o pesquisador Luiz Fernando Dias Pita, da Universidade do Grande Rio (Unigranrio), a escrever, em 2001, um artigo sobre o assunto.

No texto, intitulado “Latim e Esperanto, via Internet”, Pita analisa como grupos linguísticos minoritários fazem uso das ferramentas virtuais para sobreviver. No caso do latim, a criação de sites de debate é uma das estratégias mais recorrentes. O grupo *GreX Latine Loquentium* é o maior exemplo online. Reunindo todos os tipos de latinistas – amadores, estudantes e profissionais –,

ele foi criado com o intuito de promover o idioma, se valendo, especialmente, de listas de discussão. Fala-se de tudo e sobre tudo. A única exigência é que as informações sejam sempre acrescentadas em latim, como adverte a *Regula* (–mentação!) do site.

Qualquer um pode entrar no grupo. Basta enviar um email para listserv@man.torun.pl, com o nome numa versão latinizada.

Alguns exemplos estão na lista dos integrantes do grupo, que já passam de 500: Aberlardo vira Abelardus, Dionísio passa a ser Dionysius, Marcos vira Marcus, Felipe, Phillipus e assim por diante.

Mas o *GreX Latine* não é um exemplar único. “Há, em rede, diversos métodos de Latim com livre distribuição, além de cursos de língua latina oferecidos segundo as mais diferentes metodologias. Há também verdadeiras bibliotecas virtuais, de onde se pode dis-

por dos clássicos da literatura latina”, enumera Pita.

Aprender latim via internet é algo viável, se isso depender da quantidade de material disponibilizado online. Além dos sites que permitem entrar em contato com pesquisadores do mundo inteiro, é possível estudar a gramática e os textos a partir de métodos de ensino pré-definidos. Dicionários on-line também não faltam: alguns possibilitam o acesso virtual e, outros, já vêm em versão PDF, podendo ser arquivados no computador.

Do ano em que escreveu o artigo até 2009, Pita analisa de forma positiva a evolução da internet como fonte de informação. Para ele, “[foi] o surgimento dos sites de relacionamento o fator que mais alavancou o agrupamento de pessoas interessadas no latim - e no grego, no sânscrito etc.”. O problema seria o reconhecimento desse estudo pelos profissionais da área. “O meio acadêmico vê com muita desconfiança o ensino a distância – situação em que o ensino do latim se inseriria”. Essa seria



Para navegar

Dos links rastreados pelo Google, alguns que podem ser úteis àqueles que querem se aventurar pelo latim:

Latin Dictionary and Grammar Aid

Idioma: inglês.

Endereço: archives.nd.edu/latgramm.htm

Dicionário escolar Latim- Português

Idioma: português.

Endereço: dominiopublico.gov.br/download/texto/me001612.pdf

The Latin Library

Idioma : inglês.

Endereço: thelatinlibrary.com/

YLE Radio 1

Idioma: latim.

Endereço: www.yleradio1.fi/nuntii/

Grex Latine Loquentium

Idioma: latim.

Endereço: alcuinus.net/GLL/

Vicipaedia

Idioma: latim.

Endereço: la.wikipedia.org/wiki/Pagina_prima

Radio Bremen

Idioma: alemão.

Endereço: radiobremen.de/nachrichten/latein/

Latin Background Studies

Idioma do site: inglês.

Endereço: community.middlebury.edu/

The World of Live Latin:

Idioma: inglês.

Endereço: latininitatis.com/latinitas/

uma das razões que teria impedido, segundo o pesquisador, o “casamento” entre o meio acadêmico e o ensino de latim”.

Outro empecilho, referente à questão de aprendizagem, pode ser o próprio idioma do interessado, já que grande parte dos documentos disponíveis na rede está em inglês. Francês, alemão e italiano são línguas que também possuem bastante material. Mas, em português, ainda não existem muitas opções.

A riqueza de métodos na internet também reforça a ideia de que não foi o latim que morreu, mas, sim, as técnicas anciãs usadas para ensiná-lo. Como explica Pita, “através da internet pôde esse idioma não apenas integrar seus falantes, mas também promover a renovação das práticas pedagógicas a ele relacionadas”. Pela forma como é preservado e praticado, ele acredita, também, que a língua dos romanos pode ser classificada como “língua artificial”.

Na rede

Encontrar um site que disponibilize seu conteúdo em latim não é algo tão difícil. Além do Google, mais de

26 mil artigos encontram-se disponíveis numa versão latinizada da Wikipedia – ou melhor, Vicipaedia – desde 2002.

O site do Vaticano, local onde o latim ainda é reconhecidamente oficial, também inaugurou, em 2008, uma seção intitulada *Sancta Sedes*. Nela, foram disponibilizados textos religiosos e de papas anteriores na língua, que entra no rol das já existentes no site: inglês, francês, alemão, italiano, português e espanhol.

Para praticar a habilidade da escuta, há quem acompanhe a transmissão semanal *Nuntii Latini*. Produzido na Finlândia, o noticiário abrange uma variedade de temas, adaptando ao latim o vocabulário que, na época dos romanos, não existia. Com o mesmo intuito, a rádio alemã Bremen produz um programa com as principais chamadas do mês.

Já para aprimorar o vocabulário, há, na rede, o jornal polonês *Ephemeris*. Além das notícias, há um cardápio extenso de áreas específicas,

como Artes, Cultura, História, Opinião e até Mangá, histórias em quadrinho japonesas. Tudo, sem exceção, em latim.



Problemas de tradução

MAURI FURLAN

Por maiores que sejam os revezes e adversidades que atingem o Latim em nosso tempo, podemos afirmar que seu destino é o de ser imortal! Nossa cultura ocidental está fundada sobre a cultura romana, as grandes obras literárias sempre clamam por novas releituras e retraduições, muitíssimos textos científicos foram escritos em Latim durante todos os séculos em que foi a língua franca do Ocidente, a literatura clássica da Igreja Católica foi produzida em Latim, sua língua oficial, e as línguas modernas ocidentais, neolatinas ou não, têm origens e influências na língua dos romanos. É, pois, uma *conditio sine qua non* da existência e evolução de nossa cultura a manutenção e revivificação do Latim. E isto se dá, sobretudo, via tradução.

Se concebemos a tradução como uma “interação entre duas poéticas” (Meschonnic, 1973), entendemos que, no domínio linguístico-literário, todas as línguas-culturas quando se prestam à leitura e à tradução revelam-se ativas e redivivas. O Latim pode ser considerado língua morta apenas sociologicamente, no sentido de não possuir mais uma sociedade viva que o pratique. Por isso, nessa acepção, é parte, pois, da tarefa do tradutor, segundo Mounin (1963), o tornar-se um etnólogo e um filólogo. Traduzir

do Latim é, assim, revelar a vida do Latim, e na forma em que fora praticado por uma sociedade historicamente extinta. É fazê-lo pulsar novamente nessa forma para poder auscultá-lo com ouvidos contemporâneos. Esse acontecimento se realiza através do tradutor.

A problemática da formação de um tradutor de Latim diz respeito, pois, grosso modo, aos seguintes aspectos: o domínio linguístico das línguas de partida e de chegada, o conhecimento do tema abordado, o conhecimento cultural da época e das circunstâncias de cada texto, e a habilidade poético-artística do tradutor para a reprodução na tradução de valores semelhantes aos do modelo. Esses aspectos, em geral, se desenvolvem simultaneamente. A questão-chave talvez seja onde, por quem e como pode dar-se essa formação.

Atualmente, no Brasil, o ensino do Latim se restringe praticamente a uns poucos cursos universitários de graduação em Língua Latina ou a disciplinas de Língua Latina em cursos universitários de Letras. A qualidade desta formação, contudo, não é das piores. O que se pode lamentar com relação ao Latim é o pequeno número de latinistas que se formam regularmente, aptos e voluntários a dedicarem-se à tra-

dução. Mas, poderia algo ser feito para o incremento do número de latinistas?

Em nossa sociedade capitalista técnico-pragmática, o Latim não passa de uma disciplina partícipe das antigas Humanidades, cujo valor puramente cultural não rende dividendos nem enriquece seus estudiosos. E as editoras, com os atuais contratos de trabalho oferecidos, não fomentam interesses para o trabalho exclusivo da tradução. Os que ao Latim se dedicam fazem-no antes por diletantismo e formação própria. De forma que, hodiernamente tornou-se parte do papel dos cursos universitários de Língua Latina despertar o interesse dos alunos que buscam tal formação proporcionando-lhes meios para um bom aprendizado e estimulando-os a realizarem, via tradução, uma função social, a da divulgação da cultura, em nome da evolução da humanidade.

Somos, sim, frutos de nosso meio e expressão de nosso tempo. E nesse contexto, os tradutores e as traduções do Latim surgem como a chama parca mas imorredoura da cultura que nos originou e que agora luta insegura sobre os rumos que persegue.

MAURI FURLAN É TRADUTOR E PROFESSOR DE LÍNGUA E LITERATURA LATINA DA UFSC

Os pensadores que estão na base da psique estão de volta

A coleção MENTE, CÉREBRO & FILOSOFIA volta agora com os grandes pensadores do século XX e suas relações com a psicanálise. A edição número 11, que já está nas bancas, aborda a presença do outro e a interpretação. E mostra também como desde a década de 60, a hermenêutica recupera posições no cenário filosófico e permite abordagens instigantes da identidade e do trabalho psicanalítico. Não perca.

PEÇA AO SEU JORNALEIRO



MENTE • CÉREBRO & FILOSOFIA

FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO CONTEMPORÂNEA DA PSIQUE **mente**
cérebro

#

DESDE A DÉCADA DE 60, A HERMENÊUTICA RECUPERA POSIÇÕES NO CENÁRIO FILOSÓFICO E PERMITE ABORDAGENS INSTIGANTES DA IDENTIDADE E DO TRABALHO PSICANALÍTICO

RICOEUR
GADAMER

PRESENÇA DO OUTRO E INTERPRETAÇÃO

Compreender e compreender-se diante do texto
— RICOEUR



Duetto
EDITORIAL

MAIS QUE REVISTAS. CONHECIMENTO.

MENTE, CÉREBRO E FILOSOFIA.
UMA OBRA PARA LER, PENSAR E COLECIONAR.
COMPLETE SUA COLEÇÃO PELO SITE

WWW.LOJADUETTO.COM.BR

mente
cérebro

L'INDOVINELLO VERONESE (SÉC. IX)
(A ADIVINEIA DE VERONA)

SE PAREBA BOUES
ALBA PRATALIA ARABA,
ALBO UERSORIO TENEBE,
NEGRO SEMEN SEMINABA.

PARECIAM BOIS:
ARAVAM UM CAMPO BRANCO,
SEGURAVAM UM ARADO BRANCO
ESPALHAVAM UMA SEMENTE NEGRA

Exposição de hoje:

Latinidades

Conheça algumas das
curiosidades mais
interessantes sobre o
idioma dos
antigos romanos

JURAMENTO DE ESTRASBURGO (842)

FRANCÊS ANTIGO: PRO DEO AMUR ET PRO CHRISTIAN PO-
BLO ET NOSTRO COMMUM SALUAMENT, D'IST DI EN AVANT
IN QUANT DEUS SAVIR ET PODIR ME DUNAT, SI SALVARAI
EO CIST MEON FRADRE KARLO, ET IN AIUDHA ET IN CA-
DHUNA COSA, SI CUM OM PER DREIT SON FRADRE SALVER
DEIT, EN ÇO QUE IL MI ALTRESI FAZET, ET AB LUDHER NUL
PLAIT ONQUES NE PRENDRAI, QUE QUI MIEN VUEIL CEST
MIEN FRERE CHARLON EM DAM SEIT;

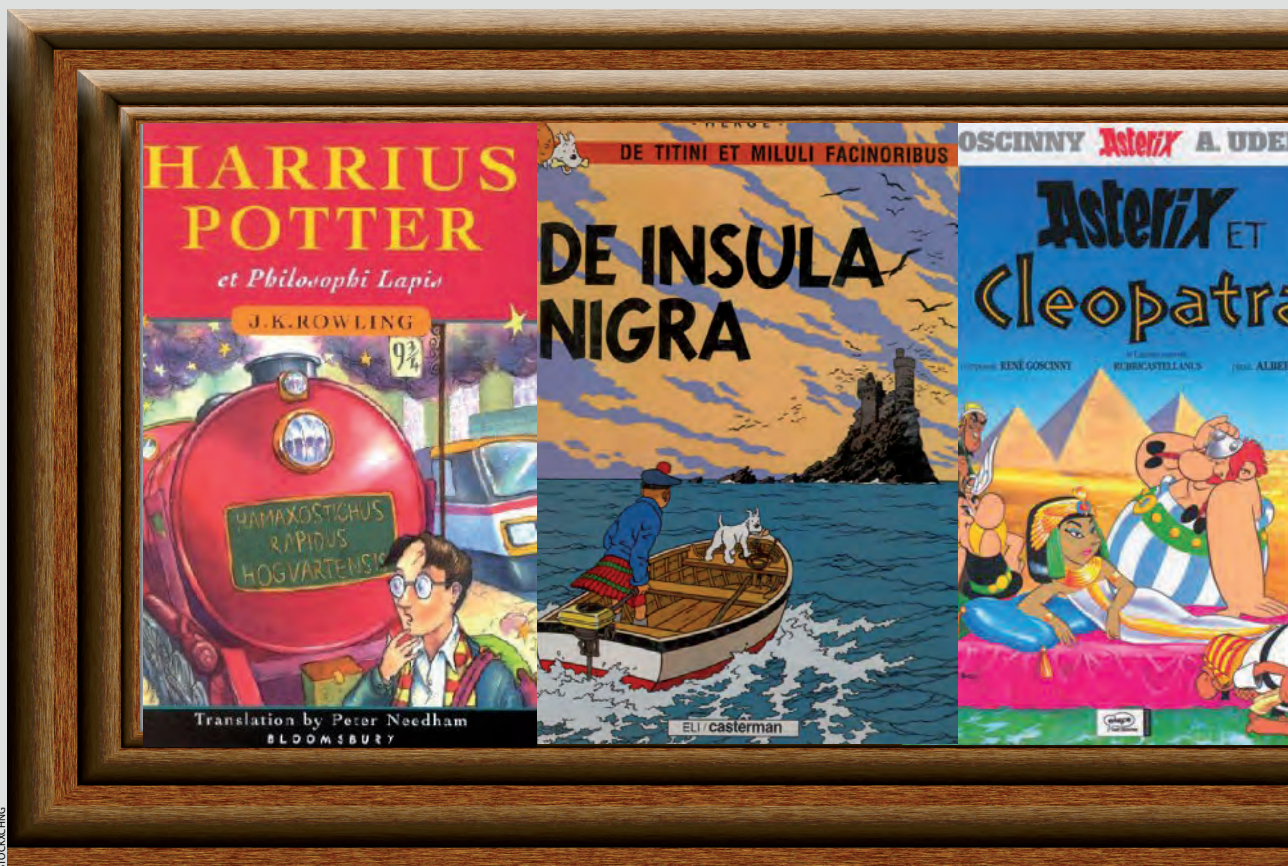
PORTUGUÊS: POR AMOR DE DEUS E PELO BEM COMUM DO
POVO CRISTÃO E PELO NOSSO BEM, A PARTIR DESSE DIA, EN-
QUANTO DEUS ME DER O SABER E O PODER, EU VIREI EM AJU-
DA A MEU IRMÃO CARLOS (LUÍS) EM TODAS AS COISAS, COMO
SE DEVE AJUDAR A UM IRMÃO, COM A CONDIÇÃO DE QUE ELE
FAÇA A MESMA COISA E EU NÃO FAREI NENHUM ACORDO COM
LOTÁRIO, QUE, PELA MINHA VONTADE, SEJA PREJUDICIAL AO
MEU REFERIDO IRMÃO CARLOS (LUÍS).

O primeiro texto românico

O *Juramento de Es-
trasburgo* foi pronun-
ciado pelos irmãos Luiz
o Germânico e Carlos
o Calvo, durante a divi-
são do Império de seu
avô, Carlos Magno. Luiz
jurou em francês anti-
go, língua do irmão. O
texto disputa, com a

Adivinha de Verona (à
esquerda), o posto de
documento mais antigo
em língua românica. A
Adivinha se trata de um
enigma, escrito no que
viria a ser o italiano. A
diferença entre os dois
é que apenas o primeiro
tem uma data precisa.

STOCKXCHING



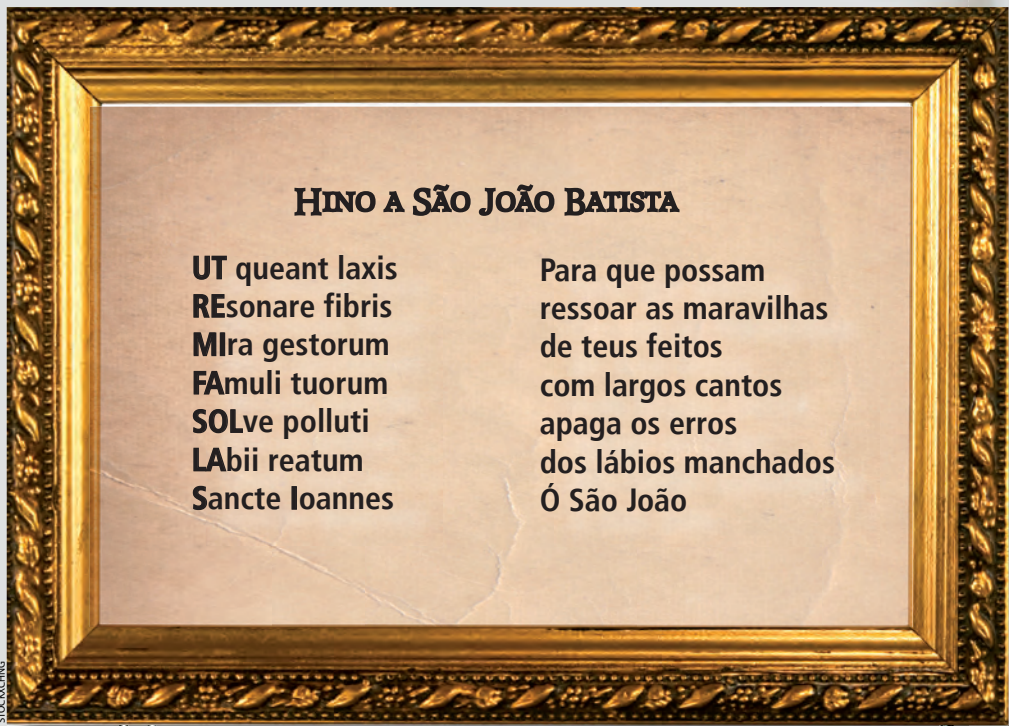
Traduções curiosas

O aprendiz de bruxo mais famoso do mundo ganhou, em 2003, sua primeira versão em latim. A segunda obra da série, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, também foi traduzida e, desde 2007, está à venda.

Dez anos antes, Tintin já tinha sua versão em latim. Essa

é uma das 91 línguas que já possuem as obras do aventureiro.

Asterix e Obelix são outros personagens que têm sua versão latina. No total, há 23 volumes já traduzidos para o idioma. Eles podem ser encontrados em asterix-obelix.nl/.

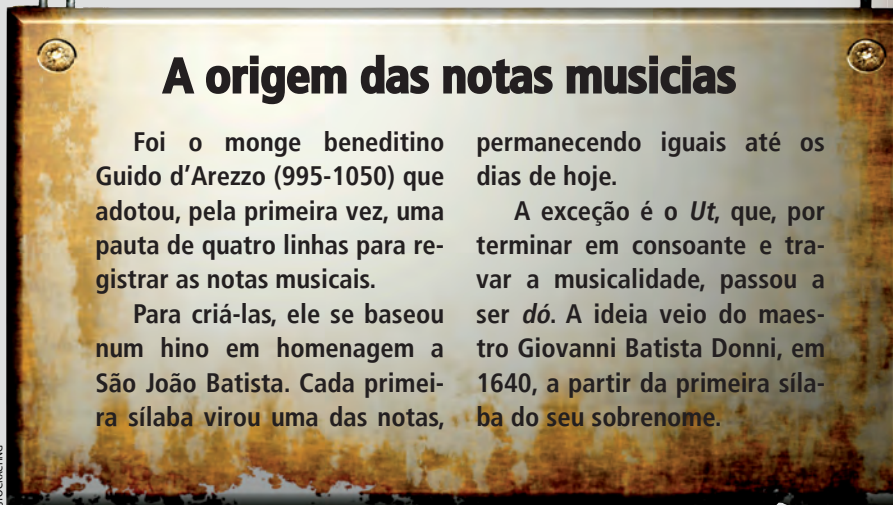


HINO A SÃO JOÃO BATISTA

UT queant laxis
REsonare fibris
MIra gestorum
FAmuli tuorum
SOLve polluti
LABii reatum
Sancte Ioannes

Para que possam
ressoar as maravilhas
de teus feitos
com largos cantos
apaga os erros
dos lábios manchados
Ó São João

STOCKXCHING



A origem das notas musicais

Foi o monge beneditino Guido d'Arezzo (995-1050) que adotou, pela primeira vez, uma pauta de quatro linhas para registrar as notas musicais.

Para criá-las, ele se baseou num hino em homenagem a São João Batista. Cada primeira sílaba virou uma das notas,

permanecendo iguais até os dias de hoje.

A exceção é o *Ut*, que, por terminar em consoante e travar a musicalidade, passou a ser *dó*. A ideia veio do maestro Giovanni Batista Donni, em 1640, a partir da primeira sílaba do seu sobrenome.

STOCKXCHING

OS MESES DO ANO

JANUARIUS: DE JANO, DEUS DE TUDO O QUE INICIA E QUE ENCERRA

FEBRUARIUS: DE FEBRA, DEUSA DA PURIFICAÇÃO

MARTIUS: DE MARTE, DEUS DA GUERRA

APRILIS: NÃO SE SABE AO CERTO SE EM HOMENAGEM A AFRODITE, DEUSA GREGA DO AMOR, OU POR SER A ÉPOCA DE ABERTURA DE FLORES

MAIUS: DE MAIA, DEUSA

DO FLORESCIMENTO

JUNIUS: DE JUNO, DEUSA PROTETORA DAS MULHERES

JULIUS: HOMENAGEM A JULIO CÉSAR

AUGUSTUS: HOMENAGEM A CESAR AUGUSTO

SEPTEMBER: SÉTIMO MÊS, NA ÉPOCA EM QUE O ANO COMEÇAVA EM MARÇO; A REGRA VALE PARA OS TRÊS MESES SEGUINTE

OCTOBER, NOVEMBER, DECEMBER.

STOCKXCHING

Origens do Calendário

A palavra vem do latim *Calendae*, o primeiro dia do mês. Os meses e dias da semana vêm da mitologia. Antes do cristianismo, os romanos eram pagãos, e toda sua crença era baseada naquela existente na Grécia. Assim, cada

deus/deusa grego tinha uma correspondência no latim – inclusive no que dizia respeito ao mito.

Com base na mitologia, criou-se o calendário, que só se tornou mais semelhante ao atual a partir de Julio Cesar (45 a.C.):

STOCKXCHING

A SEMANA

DIES SOLIS (DIA DO SOL, O ASTRO-REI) = PRIMA FERIA = DOMINICUS DIES = DOMINGO (DIA DO SENHOR).

DIES LUNAE (DIA DA LUA, QUE, DEPOIS DO SOL, ERA A LUZ MAIS VISTA PELO HOMEM) = SECUNDA FERIA

DIES MARTIS (DIA DE MARTE, DEUS DA GUERRA) = TERTIA FERIA

DIES MERCURII (DIA DE MERCÚRIO, DEUS DO COMÉRCIO) =

QUARTA FERIA

DIES IOVIS (DIA DE JUPITER, DEUS MAIS FURIOSO) = QUINTA FERIA

DIES VENERIS (DIA DE VENUS, DEUSA DO AMOR) VIROU SEXTA FERIA

DIES SATURNI (DIA DE SATURNO) = SEPTIMA FERIA = SÁBADO (DO HEBRAICO SHABBATH, QUE SIGNIFICA “REPOUSO”, DIA DAS ORAÇÕES PARA OS JUDEUS).

De onde vem a nossa Feira?

Os dias da semana também eram, originalmente, em homenagem aos deuses. Isso permaneceu, inclusive, em outras línguas – até mesmo em algumas que não são de

origem latina.

O português foi o único idioma que manteve o *feira*, originária de *feria*. Em latim, a palavra designava os dias festivos, que tinham sentido religioso.

Latim em Drummond, Drummond em latim

FOLII DIARII CARMEN

Poema do Jornal

Casus nondum plene evenit

O fato ainda não acabou de acontecer

manus atque iam nervosa diurnarii

e já a mão nervosa do repórter

vertit in notitiam.

o transforma em notícia.

Morti coniux dat uxorem.

O marido está matando a mulher.

Sparsa sanguine clamat uxor.

A mulher ensanguentada grita.

Fures fores arcae effringunt.

Ladrões arrombam o cofre.

Coetum milites dissolvunt.

A polícia dissolve o meeting.

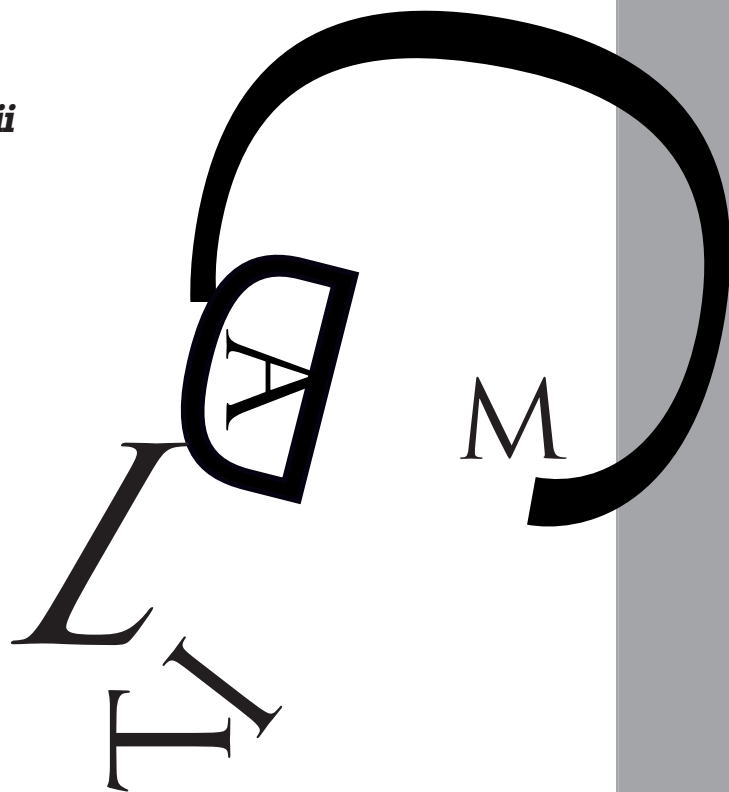
Tradit folio calamus.

A pena escreve.

Camera ex machinarum dulce

melos provenit mechanicum.

Vem da sala de linotipos a doce música mecânica.



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

TRADUÇÃO: SILVA BÉLKIOR

ARTE: MURILO POLLA, INSPIRADO NA PÁGINA
DE MARCÍLIO GODOI

Mineiro de Itabira, Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1902. Anos mais tarde mudou-se com a família para Belo Horizonte, onde iniciou e concluiu seus estudos em Farmácia – embora, para “preservar a saúde dos outros”, como dizia, não tenha exercido a profissão.

Virou escritor, e sua obra tornou-se conhecida não só no Brasil, mas no mundo. Seus livros já podem ser lidos em alemão, francês, inglês, italiano, sueco, tcheco e, até mesmo, latim. Para

esse último idioma, foi feita uma edição especial, intitulada *Carmina drummondiana, no seu 80º aniversário*. Os poemas, como o *Poema do Jornal*, foram traduzidos por Silva Bélkior, em 1982, permitindo que a obra de Drummond fosse eternizada, também, no idioma do Império Romano. E não é que o latim caiu bem para ele!

Para ler os textos, acesse o site do Jornal de Poesia. O endereço é <http://www.jornaldepoesia.jor.br/>.

Entre no Universo da Língua Portuguesa

*Entenda o idioma sem
decorar regras nem
perder tempo.*

*Descubra como a vida
brasileira se expressa no jeito
como falamos e escrevemos.*



*Tudo isso com leveza e profundidade.
Todo mês nas bancas.*

Conheça nosso site:

www.revistalingua.com.br

Tel: (11) 3039-5666

 editora
segmento

ANNO DOMINI CO
REX RHV TENOR
VNGARI ET HER
SIAM DEI SEVIEN
CVM SOCIIS SVIS
IN HOC SPELEO
CONFSSIONEM
PRECIPITARVNT
QVOOVE PROV
ET ICNE DE